

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE ARTES E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

**DERIVAS DE SENTIDO NO DISCURSO SOBRE A
SOLIDARIEDADE NA FEICOOP**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

André Luís Campos Vargas

Santa Maria, RS, Brasil

2011

DERIVAS DE SENTIDO NO DISCURSO SOBRE A SOLIDARIEDADE NA FEICOOP

por

André Luís Campos Vargas

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Letras.**

Orientadora: Prof.^a Dr. Verli Fátima Petri da Silveira

Santa Maria, RS, Brasil

2011

© 2011

Todos os direitos autorais reservados a André Luís Campos Vargas. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita com autorização por escrito do autor.

Endereço: Laboratório Corpus - Avenida Roraima, nº 1000, Bairro Camobi, Centro de Educação, sala 3302, 97105-900, Santa Maria/RS.

Fone (0xx)55 3220 8956; End. Eletrônico: andrecampos@hotmail.com

Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Artes e Letras
Programa de Pós-Graduação em Letras

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**DERIVAS DE SENTIDO NO DISCURSO SOBRE A
SOLIDARIEDADE NA FEICOOP**

elaborada por
André Luís Campos Vargas

como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Letras

COMISSÃO EXAMINADORA:

Verli Fátima Petri da Silveira, Dr. (Presidente/Orientadora)

Maria Cleci Venturini, Dr. (Unicentro)

João Rodolpho Amaral Flores, Dr. (UFSM)

Graziela Lucci de Ângelo (UFSM)

Santa Maria, 01 de março de 2011.

Dedicatória

Este trabalho é dedicado às personalidades, a maioria delas anônimas, que empreendem incansáveis esforços para a consecução de políticas públicas na educação. Em particular, gostaria de homenagear a todos que corporificam aquilo que um dia foi o sonho de um e tornou-se, desde a fundação da Universidade Federal de Santa Maria, há cinquenta anos, uma sólida construção de muitos, seja em seu funcionamento, seja na produção de conhecimentos, seja nos benefícios gerados na sociedade por seus graduados e pós-graduados.

Agradecimentos

À Rejane

Pelo apoio pessoal incansável e imensurável, pela competente contribuição teórica, pela revisão zelosa e pela compreensão de minhas limitações, desde a elaboração do projeto até o momento da defesa deste texto.

À professora Verli Petri

Pela orientação dedicada, pelo ânimo inspirador a fazer com que se busque o que esteja além da superfície, pela condescendência generosa e firme, pela oportunidade concedida e pelo rigor metodológico exigido.

À professora Amanda Scherer

Pelo estímulo à continuidade dos estudos e aceite inicial do projeto de pesquisa.

À Irmã Lourdes Dill

Pela disponibilização de variedade expressiva e significativa de materiais do acervo da Feicoop para a realização deste estudo.

À Caciane Souza de Medeiros

Pela leitura do texto de qualificação e pelas contribuições valiosas.

Aos professores da Linha de Pesquisa Língua, Sujeito e História do PPGL/UFSM

pela competência profissional, pelo conhecimento partilhado, pela pluralidade, pelo vigor e entusiasmo, no ato de ensinar.

Ao Laboratório Corpus

pelo acervo teórico disponibilizado e pelas possibilidades de visibilidade e aprendizado proporcionadas.

Ao Grupo de Estudos Michel Pêcheux

pelas discussões produtivas e necessárias à introdução ao cabedal teórico de um pensador além de seu tempo.

Aos servidores **Jandir e Irene**,

pela atenção zelosa e eficiente em todas as etapas burocráticas.

Aos diretores das empresas Rádio Guarathan e Rádio Imembuí

por terem flexibilizado minha carga horária de trabalho a fim de que eu pudesse estar presente nas aulas nos mesmos momentos em que deveria estar 'no ar'.

Aos meus familiares, companheiros de coração nesta já longa jornada de experiências, na qual este texto se constitui como um marco singular.

A todos os meus amigos,

em especial, ao **Aírton Fernandes Rodrigues** (*in memoriam*).

A forma de olhar o outro, esquivar-se ao olhar, evitá-lo ou desviá-lo revela a natureza dos sentimentos e, igualmente, um temperamento, uma personalidade e um caráter. De modo fundamental, permite a apreensão da natureza dos mecanismos de dominação e também de defesa do eu.

*Claudine Haroche
(A condição sensível, 2008).*

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Letras
Universidade Federal de Santa Maria

DERIVAS DE SENTIDO NO DISCURSO SOBRE A SOLIDARIEDADE NA FEICOOP

AUTOR: ANDRÉ LUÍS CAMPOS VARGAS
ORIENTADORA: VERLI FÁTIMA PETRI DA SILVEIRA
Santa Maria, 01 de março de 2011.

Neste trabalho, buscamos compreender o funcionamento do discurso de/sobre a solidariedade em circulação na Feira do Cooperativismo de Santa Maria (Feicoop), que se realiza anualmente desde 1994 e congrega empreendimentos que se fundamentam em princípios de organização e cooperação solidárias, buscando espaços para os sujeitos no cenário de exclusão e competição hodierno. O corpus da pesquisa é constituído por cartazes das 15 edições da Feicoop, de 1994 a 2008. A metodologia do estudo, ancorado nos princípios teóricos da Análise de Discurso de orientação francesa (AD), consiste no estudo de dizeres em torno de solidariedade, mediante a noção de efeito metafórico (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2003), que se constitui por meio das relações de paráfrase, polissemia e metáfora, as quais se efetivam em deslizes e/ou deslocamentos de sentido. A análise empreendida nos permite afirmar que há uma nuance entre deslize e deslocamento de sentidos, indicando que a solidariedade discursivizada na Feicoop é de 'outra' ordem, uma vez que ela é regida por postulados econômicos, porém é popular, é cooperativa e alternativa. Assim, por meio da solidariedade, alguns dos sentidos do capitalismo são metaforizados, sofrendo deslocamentos. Pelo jogo de paráfrase a palavra solidariedade vem a significar uma prática social que resulta na acepção de uma outra economia, constituindo propriamente um deslocamento de sentido, em que solidariedade, por sucessivos efeitos metafóricos (deslizes de sentido), faz acontecer uma outra economia: Outra Economia (a Economia Popular Solidária). Além disso, o discurso sobre a solidariedade na Feicoop, guarda relação indissociável com o *discurso de*, sinalizando a impossibilidade de este ser apagado, frente à organização de um *discurso sobre*. Sobretudo, podemos afirmar que as repetições e o mesmo em AD desconhecem as litâneas da repetição mnemônica porque não há submissão plenamente bem-sucedida, impossibilidade esta inscrita na língua, no discurso, na história.

Palavras-chave: discurso, solidariedade, efeito metafórico, cooperativismo, globalização.

ABSTRACT

Master's Dissertation
Post-Graduation Program in Languages
Federal University of Santa Maria

DERIVATIONS OF SENSE IN THE DISCOURSE ABOUT THE SOLIDARITY AT FEICOOP

AUTHOR: ANDRÉ LUÍS CAMPOS VARGAS
ADVISOR: VERLI FÁTIMA PETRI DA SILVEIRA
Santa Maria, March, 1st, 2011.

In this work, we try to understand the functioning of the discourse of, and about solidarity, at *Feira do Cooperativismo de Santa Maria* (Feicoop), an annual event held since 1994, which brings together businesses that are based on principles of solidarity, organization and cooperation, seeking spaces for subjects in the current scenario of exclusion and competition. The research corpus is composed of posters of the 15 editions of Feicoop, from 1994 to 2008. The methodology is based on the theoretical principles of French Discourse Analysis, and consists in the study of sayings on solidarity from the notion of metaphorical effect (PÊCHEUX, 1997; ORLANDI, 2003) which is constituted through relations of paraphrase, polysemy and metaphor which originate in slips and/or displacement of senses. The analysis we have undertaken has allowed us to claim that there is a nuance between slip and displacement of senses, showing that the solidarity addressed at Feicoop is of 'another' type, since it is ruled by an economical premises; however, it is popular, cooperative and alternative. Thus, through solidarity, some of the senses of capitalism are metaphorized and displaced. Through paraphrases, the word 'solidarity' means a social practice that results in another economy, constituting a displacement of senses in which *solidarity* creates a new economy, due to successive metaphorical effects (slips of sense): Another Economy (the Solidarity Popular Economy). Besides this, the discourse about the solidarity at Feicoop keeps the relation with the *discourse of*, inseparable. This signals the impossibility of this to be eliminated, considering the organization of a discourse about. Especially, we can say that the repetitions in DA are not aware of the litany of the mnemonic repetition since there is no fully successful submission – this impossibility is found in language, in discourse, and in history.

Keywords: discourse, solidarity, metaphorical effect, cooperativism, globalization.

LISTA DE QUADROS E ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1 - Efeito metafórico.....	33
Ilustração 2 - Dia de fazer compras.....	56
Quadro 1 - Cronologia das Feiras e Recortes	68
Ilustração 3 - Cartaz da 1ª Feicoop, 1994 – il. 3.....	69
Ilustração 4 - Cartaz da 2ª Feicoop, 1995 – il. 4.....	69
Ilustração 5 - Cartaz da 3ª Feicoop, 1996 – il. 5.....	69
Ilustração 6 - Símbolo do Projeto Esperança/Coesperança – il. 6	72
Ilustração 7 - Capa do livro A Pobreza, riqueza dos povos . A transformação pela solidariedade – il. 7.	73
Ilustração 8 - Cartaz da 4ª Feicoop, 1997 – il. 8.....	74
Ilustração 9 - ESol em detalhe – il. 9.....	74
Ilustração 10 - Cartaz da 4ª Feicoop a, 1997 – il. 10.....	75
Ilustração 11 - Cartaz da 5ª Feicoop, 1998 – il. 11.....	75
Ilustração 12 - Cartaz da 6ª Feicoop, 1999 – il. 12.....	76
Ilustração 13 - Cartaz da 7ª Feicoop, 2000 – il. 13.....	76
Ilustração 14 - Cartaz da 8ª Feicoop, 2001 – il. 14.....	76
Quadro 2 - Cooperativismo	77
Quadro 3 - Solidariedade	80
Ilustração 15 - Entrada da 15ª Feicoop, 2008 – il. 15.....	82
Ilustração 16 - 15ª Feicoop, 2008 – il. 16.....	82
Ilustração 17 - Detalhe do cartaz da 14ª ed. da Feicoop, 2007 – il. 17	82
Ilustração 18 - Instâncias da organização do Projeto Esperança/Coesperança – il. 18.....	85

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1	
PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	17
1. Cenário da problemática	17
1.2 Os movimentos sociais.....	18
1.3 Discursos em circulação: globalização e solidariedade.....	22
1.3.1 Solidariedade como possibilidade de estar no mundo	26
1.4 Repetição e deslocamentos de sentido.....	28
1.4.1 Interdiscurso e memória discursiva	28
1.4.2 Paráfrase, polissemia e metáfora.....	29
1.5 Discurso de e discurso sobre	33
CAPÍTULO 2	
AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE/SOBRE SOLIDARIEDADE	41
2. O Projeto Esperança/Coesperança.....	41
2.1 A Feicoop	48
2.2.1 Solidariedade e religiosidade	49
2.2 Solidariedade e Cooperação	51
2.3 Transformação pela Solidariedade.....	53
CAPÍTULO 3	
REPETIÇÕES E DIFERENÇAS EM UM DISCURSO SOBRE SOLIDARIEDADE	59
3. Ressituando o lugar do discurso	59
3.1 Constituição do corpus e metodologia.....	62
3.2 Repetições na história	66
3.3 Derivas de sentido.....	77
3.4 Um discurso sobre solidariedade	83
CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS.....	91
ANEXOS	
Anexo 1 - Cartazes da Feira – 1994 a 2008.....	96
Anexo 2 - História “Dia de fazer compras”.....	100

INTRODUÇÃO¹

Este estudo insere-se na linha de pesquisa Língua, sujeito e história (PPGL-UFSM), cujas bases teóricas abarcam a Análise de Discurso (AD) de filiação francesa, amplamente desenvolvida no Brasil, propondo uma elaboração na qual o sentido da interpretação não é mobilizado no interior do texto, propriamente dito, mas em limites tênues nos quais processos discursivos, por meio da construção de dispositivo teórico, significam e ressignificam o sentido na relação da linguagem/memória/história.

Há, neste trabalho, muito de experiências acumuladas na profissão do radiojornalismo e na graduação em Ciências Sociais, e somadas a base analítica da AD nos permitiram compreendermos o discurso como um processo histórico de significação, como lugares de relação do sujeito com a língua, do sujeito com o simbólico e da língua com a história, na produção de sentido. Nesse horizonte teórico, cabe indagar como os discursos são produzidos, quais seus efeitos possíveis, como derivam sentidos em um espaço discursivo constituído pela pluralidade e, ao mesmo tempo, caracterizado por relações tensas e desafiadoras visando à afirmação de sujeitos e demarcação de lugares.

Partindo desses princípios norteadores, refletimos acerca do processo de discursivização da palavra solidariedade em circulação/funcionamento na Feira do Cooperativismo de Santa Maria, RS (Feicoop), promovida e idealizada pelo Projeto Esperança/Cooesperança, uma organização de cunho social que atua sob a coordenação da Diocese de Santa Maria. A palavra 'solidariedade' é uma recorrência forte nesse discurso, como a emergência de algo de outra ordem, de

¹ Este texto foi escrito segundo a nova ortografia vigente, mantendo-se a ortografia original em citações ou exemplos, em respeito ao ano de publicação.

modo que analisamos os possíveis efeitos de sentido desencadeados a partir de três enunciados constituintes do corpus analisado: **A transformação pela solidariedade**², motriz deste estudo, **Uma Outra Economia Acontece** e **Um Outro Mundo é Possível**, os quais colocam em jogo a relação entre um modo de produção hegemônico (o sistema capitalista) e algumas alternativas apresentadas via discurso, via prática de sentido.

Modernamente, o tema da globalização adquiriu uma importância política central, notadamente pela promessa de uma economia mundializada, sem regulação social ou política, escorada por um capitalismo de internacionalização da produção, de intercâmbios e de dominância em uma sociedade regrada por mecanismos do mercado. Nosso trabalho não teve a finalidade de investigar os limites que a globalização, a mundialização e/ou o capitalismo alcançam e, por esse movimento, suscitam tanto entusiasmo e tanta contestação. Mas, sim, contextualizarmos ao cenário da problemática (Feicoop), uma vez que são mobilizadas resistências locais que se somam a discursos de contra-ordem, em escala planetária, em oposição ao capitalismo 'globalizado'. Mas não levamos nossa análise longe demais, senão ao alcance da compreensão do que responderemos como "Derivas de sentido no *discurso sobre* a solidariedade na Feicoop", ou seja, da transformação da palavra solidariedade a uma solidariedade como prática social.

O que é a Feicoop, senão um acontecimento discursivo sustentado na mais importante e mais visível condição do homem no que diz respeito ao lugar do **trabalho** na vida de cada um e que enfeixa o liame de comunidade (sociedade)? Temos na discursivização *sobre* a solidariedade na Feicoop questões sociais, políticas e econômicas que confrontam e retornam (*discurso de*) dicotomias entre a produção/consumo, o emprego/desemprego, a defesa do local/a crítica ao global, a tecnologiação/a habilidade manual, enfim. Tais questões são complexificadas pelas noções da AD e nos permitem observar como um processo histórico de significação em que o sujeito, a história e a linguagem estão materialmente pensados e implicados, uma problematização que não é evidente,

² Justificamos essa escolha mediante a formulação: "O Projeto Esperança/Cooesperança surgiu da idéia do livro *A pobreza, riqueza dos povos*, com o subtítulo: *A transformação pela solidariedade*, do autor africano, a luta e organização dos trabalhadores(as) urbanos e rurais da região centro/RS, da Diocese de Santa Maria" (Suplemento da 3. ed. do livro, 2002, p. 1). Exploraremos essa questão no capítulo 2.

nem transparente. Da mesma forma, o discurso de/sobre é pleno de movimentos de significação entre a repetição e a diferença, por eles, dizemos a mesma coisa (solidariedade), e, ao mesmo tempo, significa-se diferentemente (outra solidariedade).

O corpus do trabalho é constituído por cartazes, fotos e materiais de divulgação da Feicoop, relativos às suas 15 edições (1994-2008). Essas textualidades, organizadas em torno da palavra solidariedade, são analisadas com o objetivo de observarmos como o *discurso sobre* funciona no que se refere às permanências, aos deslizos, aos deslocamentos, às possíveis diferenças de sentido.

Este trabalho está organizado do seguinte modo:

No capítulo 1, apresentamos os pressupostos teóricos de nosso estudo. Inicialmente, situamos o contexto geral de reflexão a propósito da questão da solidariedade no cenário de globalização e dos movimentos humanos que daí advém como consequência e/ou sob formas de resistência, a exemplo dos movimentos sociais. A seguir, delimitamos os conceitos que fundamentam as análises em torno do discurso de/sobre solidariedade, especialmente: os de paráfrase, polissemia, metáfora/efeito metafórico.

No capítulo 2, abordamos as Condições de Produção (CP) do discurso em circulação na Feicoop. Reunimos elementos da história da Feira do Cooperativismo – Feicoop, de maneira a dar horizonte às CP que servirão de suporte à análise do corpus de estudo, no capítulo 3. Pontuamos ainda, nesse momento, os fundamentos de ‘solidariedade’ que medeiam as práticas em torno da Feicoop.

No capítulo 3, apresentamos o procedimento analítico propriamente dito. Realizamos a análise do corpus em relação aos conceitos e às CP pontuados nos capítulos 1 e 2, buscando observar as permanências e os deslocamentos de sentido que constituem um discurso sobre solidariedade.

Nosso estudo nos possibilitou a experimentação, via análise, de que há o mesmo no diferente, há um imbricamento entre eles, ditado pelos processos históricos do dizer, os quais foram trazidos à tona por meio da produtividade analítica da noção de **efeito metafórico** que proporcionou a desconstrução de

efeitos de evidência. Como desdobramento, no âmbito local, a Feicoop faz circular pela palavra solidariedade uma discursivização que acentua o sentido de outra/outro como oposto, mas não necessariamente excludentes um do outro. O discurso **sobre a solidariedade** na Feicoop, guarda relação com o 'discurso de', sem apagá-lo. Os enunciados 'Uma outra economia acontece' e um 'Outro mundo é possível' referenciam uma oposição e não uma destituição ou substituição do capitalismo e instauram uma prática que torna possível o 'outro', mediante uma economia popular solidária.

CAPÍTULO 1

PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Cenário da problemática

Inicialmente, apresentaremos as bases teóricas que sustentam as análises que têm como corpus algumas das materialidades discursivas em circulação em 15 edições na Feicoop. Nessas materialidades, são discursivizadas formas de organização e mobilização de pequenos produtores urbanos e rurais frente às demandas do mercado no final do século XX e início do século XXI.

Nosso estudo tem como foco os processos discursivos desencadeados na Feicoop, materializados em cartazes e materiais de divulgação, na qual a solidariedade funciona como esteio da viabilidade econômica e social por meio de ações coletivas em redes de cooperação.

Baseando-nos em Schaller (2002), podemos compreender que, diante da exclusão [ou segregação] social, as comunidades se organizam e se representam por meio de formas de reivindicação, em que o cidadão se posiciona de modo coletivo para se situar, buscar um lugar diante da dualização fora/dentro, pobre/rico, periferia/centro, exclusão/inclusão, apresentada como processo irreversível na sociedade de mercado. Tais posições se manifestam em discursos que expressam significados plurais de mobilização coletiva, como veremos neste trabalho, com a discursivização da palavra solidariedade como meio e forma de estabelecer uma alternativa ao modo de produção capitalista, na sociedade, na

comunidade, e que tende a organizar princípios de cooperação, de associativismo, de redes.

Consideradas as relações entre língua, sujeito e história, visamos a observar a constituição e circulação de discursos em favor de práticas alternativas frente à conjuntura de globalização e seus efeitos de exclusão/segregação humana e modo de produção em que o lucro é a prioridade.

Pensamos que, se por um lado, a globalização resulta, como buscaremos observar, em exclusão, por outro, as populações postas para 'fora' se rearticulam em meio a ações que as permitem um estar 'dentro' do processo de produção.

Assim, descrevemos um percurso no qual circulam saberes/conhecimentos, configurados como discursos de/sobre solidariedade e estruturam procedimentos de ação coletiva que postulam uma 'transformação', um 'outro mundo', o acontecimento de uma 'outra economia', como é o caso da prática social que caracteriza e faz funcionar a Feicoop.

1.2 Os movimentos sociais

Cabe destacar, neste trabalho, a noção de movimento social que passa a se constituir enquanto ação coletiva que, por meio de discursos, mobiliza práticas sociais que objetivam a reinserção/transformação de possibilidades produtivas.

De acordo com Sarria Icaza (2009, p. 260)³, o termo movimento social compreende, em uma definição ampla, "lutas sociais travadas coletivamente, propondo mudanças em diferentes esferas" da sociedade, seja na instância política, cultural, econômica e também em níveis de disputa coletiva micro e macrossociológica, local, setorial, regional, nacional ou mundial. Movimento social pode ser definido, conforme a autora, como a organização planejada de um grupo orientado pela afinidade comum a um conjunto de valores ou objetivos inseridos em um projeto de mudança pelo qual se mobilize para buscar visibilidade e legitimidade.

³ Ana Mercedes Sarria Icaza – Doutora em Ciências Políticas e Sociais pela Université Catholique de Louvain, Bélgica. Professora do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE (Canoas, RS).

Ainda de acordo com a mesma autora, é especialmente a partir do século XIX que revoltas, manifestações e ações coletivas relacionadas à expansão do capitalismo e à organização da classe trabalhadora passam a ser referidas como *movimentos sociais*. Modernamente, no cenário europeu, no final dos anos de 1960 e início da década de 1970, ocorrem diversos movimentos sob “novas formas coletivizadas de mobilização, tais como os movimentos ecológicos, feministas e estudantis [...] e reivindicam autonomia, reconhecimento das diferenças e novos valores culturais, centrados na justiça e na solidariedade” (Idem, p. 260).

Por sua vez, Gohn (2008) define movimento social, atentando para fatores como organização e elementos constitutivos:

Um movimento social é sempre expressão de uma ação coletiva e decorre de uma luta sociopolítica, econômica ou cultural. Usualmente ele tem os seguintes elementos constituintes: demandas que configuram sua identidade; adversários e aliados; bases, lideranças e assessorias – que se organizam em articuladores e articulações e formam redes de mobilizações; práticas comunicativas diversas que vão da oralidade direta aos modernos recursos tecnológicos; projetos ou visões de mundo que dão suporte a suas demandas; e culturas próprias nas formas como sustentam e encaminham suas reivindicações (GOHN, 2008, p. 14).

Nesse contexto, também existem os movimentos militantes de integrantes de um incontável número de Organizações Não Governamentais (ONGs), que se aliam à profusão de manifestações que visam a estabelecer relações entre práticas e saberes como necessários ao propósito de alcançar formas de cidadania, ou seja, de acesso a direitos e garantias sociais. Tais relações estão no foco de nosso estudo, na medida em que buscaremos observar como se constituem/funcionam discursivamente as práticas/discursos em favor da solidariedade, esta que tem como princípios a democracia participativa, ajuda mútua, reciprocidade, associativismo, formas de relação social que objetivam uma “transformação” do homem e do meio em que vive.

Em retrospectiva, Gohn (2008) assinala que a noção de movimentos sociais, na perspectiva marxista, esteve, até os anos de 1950, vinculada aos conceitos de classe e de luta de classes:

O paradigma teórico mais amplo era o do processo de mudança e de transformação social. Havia a crença, fundada em análises objetivas da

realidade social, na existência de um sujeito principal daqueles processos, dado pela classe trabalhadora. Conseqüentemente, a maioria dos estudos empíricos teve como objeto o movimento operário ou camponês, os sindicatos e os partidos políticos. Como as categorias da organização da classe e o processo de formação da consciência social eram centrais no modelo de projeto de sociedade que se desenhava e aspirava-se como ideal, não havia muita preocupação com a diferenciação entre movimento social e político. As organizações eram vistas como suportes dos movimentos. O tema da desigualdade social estava posto em contraponto ao da igualdade e da emancipação da classe explorada – uma meta a perseguir (GOHN, 2008, p. 28).

Diante do exposto, observamos que, no Brasil, no decorrer dos anos de 1960 e de 1970, os movimentos sociais acresceram novas ordens à pauta de lutas, entre outras, o acesso à educação e o direito ao voto direto. Em 1984, destacaram-se as manifestações sociais conhecidas como "Diretas Já".

Importa salientar que a partir dos anos de 1990, a globalização intensifica a extensão do capitalismo, altera o cenário de lutas sociais e, conseqüentemente, redefine o quadro de estudos empreendidos sobre os movimentos sociais, em que as análises não se restringirão a tomá-los como 'modelos de projeto' ou 'ideais a serem alcançados', mas em analisá-los em relação a categorias como sociedade civil, economia de mercado, democracia participativa, cidadania e Estado burocrático (GOHN, 2008).

Assim, a profusão de mobilizações e manifestações contra o caráter negativo da globalização neoliberal e, ao mesmo tempo, de uma busca por alternativas emancipadoras e inclusivas para o cidadão, reacendem perspectivas de transformação social no mundo contemporâneo (SARRIA ICAZA, 2009). Incluem-se na atuação desses movimentos coletivos as Organizações Não Governamentais (ONGs) que são caracterizadas pela pluralidade de temáticas que defendem.

No cenário mundial, para compreender a intensificação dos movimentos sociais, podemos citar manifestações contra a OMC (Organização Mundial do Comércio) em Seattle (EUA), em 1999; e em Gênova (Itália), em 2001. Quanto à primeira, uma produção cinematográfica⁴ recompõe aspectos parciais e históricos das motivações e de alguns personagens que tornaram relevantes os protestos

⁴ Título original: *Battle in Seattle*, ano de lançamento: 2007, roteiro de Stuart Townsend; produção de Mary Aloe, Maxime Rémillard, Kirk Shaw e Stuart Townsend; site oficial: <http://www.battleinseattlemovie.com/>. No Brasil, o título do filme é *A Batalha de Seattle*.

emblemáticos daquele ano. Dezenas de milhares de pessoas foram às ruas de Seattle, em protesto contra os propósitos do encontro anual de líderes dos principais países do mundo.

De início, a manifestação se propunha pacífica, pedindo o fim do caráter centralizador das decisões da OMC ao interesse das grandes potências industriais, mas logo se tornou um motim. A consequência foi a instalação, por parte das autoridades, de uma medida de segurança máxima, o estado de sítio, que fez com que o Departamento de Polícia e a Guarda Nacional da cidade sede da Conferência reagisse com violência contra os manifestantes.

De outra parte, podemos apresentar como evento igualmente marcante à redefinição histórica dos movimentos sociais, os protestos em Gênova, no ano de 2001, quando a polícia italiana matou a tiros um dos manifestantes, em meio à exacerbação que os confrontos então atingiram. Esses eventos foram marcados por larga repercussão e favoreceram a construção de um acontecimento de referência: o Fórum Social Mundial e seu slogan “um outro mundo é possível” (VIVERET, 2009).⁵ A partir dessa conjuntura, ganhou força o debate acerca da urgência de modos alternativos à lógica dominante do capitalismo, com vistas a alterações nas relações sociais, econômicas e políticas.

Assim, no âmbito deste trabalho, a discussão sobre o processo de globalização é fundamental para que possamos compreender a discursivização de solidariedade. Entendemos que a globalização faz funcionar uma ideologia, o capitalismo, e que este se expande por meio de movimentos políticos e econômicos, como o neoliberalismo, por exemplo, que organiza basicamente uma economia de livre mercado. Esse pressuposto de livre competição confere poder aos que demonstram ter mais capacidade, ou seja, a minoria é vencedora em detrimento de uma maioria que é forçosamente excluída desse livre mercado por ser considerada menos capaz no jogo da competitividade e produtividade.

⁵ Patrick Viveret – Doutor em Ciências da Educação pela Université de Paris VIII, com pós-doutoramento em Economia Social/Solidária na Sorbonne (IEDES – Université de Paris I). Professor da Universidade Federal Rural de Pernambuco (Recife, PE).

1.3 Discursos em circulação: globalização e solidariedade

Em relação à noção de globalização, apresentamos o pensamento de Giddens (1996). Segundo ele, trata-se de um fenômeno de larga escala, e mesmo inapreensível, diante da fluidez das relações velozes do mundo em rede (on-line). O autor também considera a repercussão do global no ambiente local com desdobramentos para o dia a dia, para os modos de vida citadinos e cotidianos, para as subjetividades, isto é, de forma bem próxima de nós. Assim:

A globalização não é o mesmo que o desenvolvimento de “sistema mundial”, e não está simplesmente “aí fora” – tendo a ver com influências de grande alcance. Ela é também um fenômeno “aqui dentro”, diretamente ligado às circunstâncias da vida local (GIDDENS, 1996, p. 97).⁶

Em outra perspectiva (SCHALLER, 2002), a globalização pode ser definida de modo paradoxal, pois uniria todos nos mercados de consumo e de informação, ao mesmo tempo em que instigaria a um isolamento que nos distanciaria uns dos outros, por meio de uma busca que intensifica a defesa de uma comunidade homogênea que produz essencialmente a rejeição de qualquer outro, percebido como ameaça, contrastando com a compreensão de uma sociedade plural e heterogênea. Esse cenário gera conflitos:

A desarticulação das relações de produção e de reprodução gera novas desigualdades e novas formas de dominação que deslocam as linhas de clivagem. Os ‘competitivos’, assalariados dos setores altamente produtivos, os ‘protegidos’, essencialmente membros do serviço público, os ‘precários’, empregados com contratos temporários e os ‘excluídos’, mais ou menos beneficiários da proteção social, estão engajados em um ‘luta por lugares’ que suscita tensões, mobilizações e alianças móveis (SCHALLER, 2002, p. 149)⁷.

Assim, de maneiras e formas cada vez mais recorrentes, a globalização intensificaria seus movimentos em ondas e escalas que produziriam efeitos observáveis sob diferentes perspectivas, entre os quais, aqueles derivados das profundas transformações nos modos de relação social e econômica. Em contraponto, forças sociais passam a ser articuladas, potencializadas e legitimadas frente a essa problemática. Teoria e prática, ciência e técnica

⁶ Grifos no texto.

⁷ Grifos no texto.

conjugam-se para demarcar o terreno no qual se travam as lutas visando à universalização dos direitos humanos e sociais e, por ela, propiciar o acesso das massas a formas de igualdade e/ou emancipação.

Sociedade de mercado e livre competição são também características da globalização. Enquanto fenômeno moderno e multifacetado, a globalização é compreendida sob o viés da expansão do capitalismo, que em sua configuração mais proeminente tem no mercado o ambiente de atuação das relações de produção. Essa configuração é caracterizada pela clivagem de forças que são associadas a termos como concorrência, produtividade, exploração, acumulação, lucratividade, só para citar aqueles que, correlacionados ao nosso estudo, derivam para consequências como desigualdade e exclusão social.

Para pensarmos essa repercussão socioeconômica da globalização, reportamo-nos ao pensamento de Ianni, que trabalha com variações para a noção, tais como aldeia global (enquanto comunidade mundial) e de fábrica global (enquanto mercado mundial):

A fábrica global sugere uma transformação quantitativa e qualitativa do capitalismo, além de todas as fronteiras e subsumindo formal ou realmente todas as outras formas de organização social e técnica do trabalho, da produção e da reprodução ampliada do capital. Toda economia nacional, seja qual for, torna-se província da economia global. O modo capitalista de produção entra em uma época propriamente global, e não apenas internacional ou multinacional. Assim, o mercado, as forças produtivas, a nova divisão do internacional do trabalho, a reprodução ampliada do capital desenvolvem-se em escala mundial. Uma globalização que, progressiva e contraditoriamente, subsume real ou formalmente outras e diversas formas de organização das forças produtivas, envolvendo a produção material e espiritual (IANNI, 1997, p. 53).

Se, por um lado, nesse ambiente de mercado, observa-se uma crescente tecnologização dos sistemas de produção, o que exige para acesso às vagas de trabalho uma comprovação de especialização profissional do trabalhador, por outro, são estabelecidas formas alternativas de produção e de gestão que minimizam a exclusão do trabalhador às relações assalariadas (emprego formal). Nessa relação, é oportuno apresentar o pensamento de um autor não somente por sua liderança político-intelectual fortemente engajada ao alerta dos efeitos sociais no mundo do trabalho e nas relações de produção decorrentes da globalização, como pelo caráter decisivo que sua obra tem (cf. abordaremos no

cap. 2) na organização inicial do Projeto Esperança/Cooperança. Um dos postulados centrais do pensamento de Albert Tévoédjèrè,⁸ quanto:

a tese da busca da opulência é uma tese errônea, quando nos priva de uma necessidade cada dia mais sentida, a necessidade de descobrir a maneira de estabelecer uma outra teoria econômica para uma sociedade anticonsumista, uma sociedade em que haja uma socialização da riqueza e a participação numa pobreza, que significa o maior bem-estar para a maioria das pessoas. **Reinventar a economia significa, de fato, retornar à fonte do conceito, privilegiar as necessidades sociais e não a produtividade em função do lucro dos monopólios;** significa procurar acabar com a penúria social nascida da escassez dos bens essenciais à sobrevivência de cada homem e de todos os homens (TÉVOÉDJERÈ, 2002, p. 72).⁹

Na medida em que critica a sociedade de consumo pelo desafio de se priorizar as necessidades sociais e não a produtividade (cf. citação anterior), é possível compreender o porquê de o pensamento de Tévoédjèrè ter lançado a base para a iniciativa de construção de um fazer local e solidário em favor de e com a inserção dos próprios produtores envolvidos no processo.¹⁰ Veremos adiante (cap. 2) que o livro **A pobreza, riqueza dos povos** exerceu importância fundamental à experiência da prática solidária do Projeto Esperança/Cooperança.

Importa-nos problematizar o funcionamento desse processo discursivo que oferece elementos para se refletir a respeito de uma relação de produção que envolve um leque variado de elementos educativos, culturais, políticos, administrativos, econômicos e sociais postos em circulação de forma a marcar a adesão voluntária e comprometida comunitariamente sob o primado da solidariedade, concebidos, por nós, sob o modo de constituição de uma rede de cooperação.

Diríamos que seja uma resposta a aspirações de igualdade econômica e à necessidade de se garantirem meios de subsistência aos trabalhadores que, uma vez relegados do processo formal de vínculo contratual com as empresas

⁸ Alberto Tévoédjèrè nasceu em 1929 em Benin, Estado Africano de língua francesa às margens do Golfo da Guiné. Seu livro, **A pobreza, riqueza dos povos: A Transformação pela Solidariedade**, editado originalmente em Paris, em 1978, inspirou o movimento sociorreligioso da Diocese de Santa Maria que veio a culminar com o Projeto Esperança e, por este, a realização da Feicoop.

⁹ Negrito nosso.

¹⁰ Conforme informação no texto *Projeto Esperança/Cooperança: Uma experiência que deu certo*, p. 9, da Diocese de Santa Maria, anexado ao livro **A pobreza, riqueza dos povos**.

capitalistas, foram colocados à margem do sistema e inclinados a uma condição paradoxal: de desemprego e de exclusão, ainda que em plenas possibilidades físicas e produtivas.

Nessa realidade emergente, há formas alternativas de produção que se apresentam como distintas da lógica mercantil capitalista, por conformarem iniciativas, nas quais a discursivização se apresenta por meio de enunciados que tematizam vínculos, entre eles a coletivização, o cooperativismo e a economia solidária, a despeito da lucratividade como fim único. Neles, o efeito mais valorizado é proporcional ao caráter socialmente cooperativo que o trabalhador emprega. Depreende-se que o trabalho participativo, cooperativado e/ou solidário funcione como determinante dessa racionalidade alternativa. Corroborando para essa compreensão, destacamos a formulação de Luiz Inácio Gaiger:

Uma qualidade importante dos empreendimentos solidários reside em seu caráter multifuncional, bem como em sua vocação a atuar simultaneamente nas esferas econômica, social e política e a agir concretamente no campo econômico ao mesmo tempo em que interpelam as estruturas dominantes. **Eles rejeitam a antinomia entre interesses econômicos e questões sociais**, respectivamente atribuídos ao binômio mercado privado-Estado, bem como as fronteiras estabelecidas entre tempo de trabalho produtivo e tempo de satisfação das necessidades. **Sua razão de ser consiste no atendimento às necessidades materiais de seus membros, assim como às aspirações não-monetárias, como reconhecimento, inserção social, autonomia**, etc. Ao fazê-lo, introduzem, na esfera econômica, questões de fundo ético, que passam a incidir sobre aquele universo, mediante princípios normativos irreduzíveis à lógica instrumental e utilitária (GAIGER, 2009, p.183).¹¹

Assim, entendemos que os empreendimentos solidários são dotados de características que viabilizam oportunidades de acesso e satisfação de necessidades tanto econômicas quanto sociais. Esse caráter multifuncional nos remete à compreensão de um sistema que agrega diferentes formas de inserção no mundo social, constituindo uma rede movimentada por uma economia de fundo social (ética). Para mais, é salutar nos reportarmos à concepção de globalização à qual se filia a Feicoop:

¹¹ Luiz Inácio Gaiger, Doutor em Sociologia (Université Catholique de Louvain), dedica seus estudos aos movimentos sociais e a economia solidária. Coordena a Cátedra da UNESCO Trabalho e Sociedade Solidária e o Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UNISINOS (RS). Negritos nossos.

A globalização, ao invés de acabar com a contradição capital-trabalho, expandiu-a para todos os cantos do mundo. Diante dessa realidade **o desafio é criar, ao lado do processo de globalização, um projeto que respeite as diferenças e lute contra as desigualdades**, buscando uma globalização que traga vantagens à população, onde o trabalho resgate a cidadania com democratização da terra, evitando desperdícios. Nesse processo é necessário que o Estado privilegie os serviços sociais e as obras públicas.¹²

Desse modo, destacamos, sobretudo, a relevância observada na discursivização das práticas definidoras desse empreendimento solidário, Feicoop, inscritas numa racionalidade na qual o discurso de/sobre solidariedade converte-se em sustentáculo dessa mobilização contraposta à globalização, ao neoliberalismo, como discursos que ressoam/retornam.

1.3.1 Solidariedade como possibilidade de estar no mundo

Considerado o cenário atual, podemos inicialmente compreender que solidariedade passa a circular em discursos que almejam uma alternativa econômico-social frente à globalização. Atualmente, a consecução da ideia de coletivo, de pluralidade e da heterogeneidade das lógicas que orientam a experiência social, por meio das quais se redefine um mundo comum, passa não raro pela compreensão de uma esfera de vida social aberta à participação voluntária, democrática e engajada. No entanto, na maioria das vezes, essa esfera de vida social se apresenta confusa, contraditória e dispersa quanto aos fins sociopolíticos, o que nos leva a concordar com a ideia de Schaller (2002, p.149) de que a reorganização estrutural no sistema produtivo (derivado da tecnologização, por exemplo) desemprega maciçamente trabalhadores sem conhecimentos qualificados e os desloca para um ambiente de precariedade e informalidade.

Sublinhamos que o objeto de nosso estudo, centrado na atuação de pequenos produtores e trabalhadores organizados coletivamente pela liderança social-religiosa da Diocese de Santa Maria, qual seja o discurso que mobiliza uma prática social visando estabelecer não apenas a sobrevivência econômica familiar

¹² Na página 22 do Artigo “Promoção de alternativas para uma Economia Popular Solidária” assinado pela Cáritas Brasileira Regional – RS e anexado ao livro **A pobreza, riqueza dos povos**. Grifos nossos.

dos participantes, como também a fomentar o exercício de cidadania, sustentado na premissa da oportunidade ao acesso do trabalho e à renda (remuneração à produção).

Diante de uma perspectiva religiosa cristã, verificamos que a cooperação solidária discursivizada na Feicoop advém de uma posição conclamada pela Igreja Católica e que pode ser observada em um artigo¹³ que comenta a Encíclica do Papa Bento XVI: Caritas in Veritate (A Caridade na Verdade).

O artigo enfatiza que a Encíclica exorta a reflexão acerca do paradoxo entre o crescimento da riqueza econômica, em termos absolutos, e o aumento das disparidades sociais locais, bem como entre países ricos e pobres. Conforme o articulista, o texto papal assevera que foram criados demasiados mecanismos de proteção e garantia de interesses a quem já tem muito, tanto no campo econômico e comercial, como no do conhecimento e da técnica, em detrimento de uma maioria que não tem acesso a esse desenvolvimento; de maneira semelhante, também critica a prática da vantagem sobre tudo, da concorrência e da competição acirrada, e conclama a política econômica globalizada a se integrar aos princípios da colaboração e da **solidariedade**¹⁴.

Pensamos, pelo exposto, que em um projeto de reorganização social e coletiva no qual é discursivizada uma prática de inserção coletiva e solidária visando modo de produção e geração de renda e trabalho alternativo, o sujeito é levado a se posicionar em um lugar que lhe assegure uma forma de agir diante da condição econômico-social que se encontrava anteriormente (precária, devido ao desemprego e/ou ausência de perspectivas de ocupação profissional), como aponta Schaller (2002, p. 151):

Se o patrão e o operário eram as figuras emblemáticas da sociedade industrial, hoje, são o executivo e os beneficiários da renda mínima de inserção que se tornaram os arquétipos da sociedade pós-industrial. **De um lado a identidade positiva do executivo** que encarna o sucesso, a promoção, o dinamismo, o desempenho, a competência, a valorização, a facilidade e a riqueza. **Do outro, os beneficiários da renda mínima de**

¹³ Cfe texto assinado pelo cardeal D. Odilo P. Scherer, Arcebispo de São Paulo, na íntegra: <http://www.oarcanjo.net/site/index.php/reflexao/a-caridade-com-a-verdade-a-nova-enciclica-do-papa-bento-xvi/>, acessado em 22/03/2011.

¹⁴ Grifo nosso.

inserção, como protótipo da identidade negativa, do fracasso, da regressão, da passividade, da decadência, do trabalho precário, da incompetência, da desvalorização, da mediocridade e da pobreza.¹⁵

Por outro lado, temos que solidariedade é uma palavra que remete a múltiplas significações; entre tantas, citamos a reportagem *A solidariedade do brasileiro por um mundo melhor*¹⁶, em que são mostrados os resultados do projeto “Projeto Generosidade 2009”, que em três anos de existência revela histórias de pessoas que dedicam parte do seu tempo em iniciativas solidárias.

Foram relatados depoimentos de pessoas e entidades que dedicam horas do seu tempo, trabalho e, principalmente, boa vontade e amor para ajudar quem realmente precisa. “Este é um canal muito importante para repercutir os bons resultados das ações solidárias promovidas pelas instituições de nosso país. É uma forma de divulgação que gera interesse e inspira não somente a sociedade, mas também as empresas a apoiar iniciativas sérias nesse sentido. Todos saem ganhando”, afirma Artur Grynbaum (presidente de uma empresa patrocinadora).¹⁷

Como pudemos observar, a solidariedade recebe diferentes contornos em face, por exemplo, dos objetivos, da ética, dos sujeitos que mobiliza e por isso ela requer um exame atento em seu funcionamento discursivo.

1.4 Repetição e deslocamentos de sentido

1.4.1 Interdiscurso e memória discursiva

Em termos conceituais, na AD, o sentido não é algo fechado, nem é considerado como uma ‘verdade’, algo irrefutável ou dado como uma palavra final; o sentido é passível de uma sempre possível outra interpretação mediante sua abertura para o simbólico, para a relação linguagem/pensamento/mundo. Essa relação não é mediada por limites precisos, distintos ou equivalentes em suas respectivas significações; ao contrário, suas divisas/fronteiras são tênues, tensas, indefiníveis. Nesse jogo, nesse movimento da significação entre o mesmo e o diferente, se constituem os conceitos de paráfrase e polissemia, os quais nos

¹⁵ Grifos nossos.

¹⁶ Matéria em Revista Época, ed. 605, 21 dez. 2009, p. 100-107.

¹⁷ Na matéria supra, página 100. Grifos no texto.

permitem trabalharmos com as repetições e as retomadas que derivam sentidos outros.

Nos processos de paráfrase e de polissemia há uma relação determinada historicamente com a exterioridade, ou seja, um texto, um discurso, está circunscrito ao espaço de interpretação que, por sua vez, demanda uma relação com a memória histórica (saber discursivo ou interdiscurso).

Desse modo, importa sublinharmos que “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, ao deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro” (PÊCHEUX, 2008, p. 53), no que o autor nos assegura que para qualquer enunciado ou sequência de enunciados se permite o lugar da interpretação por meio do que convencionou como “pontos de deriva possíveis” (idem, *ibid*).

O interdiscurso pode ser representado, assim, por uma espécie de eixo vertical no qual se pode conceber o acervo de todos os dizeres ‘já ditos’ – e também aqueles ‘já esquecidos’ – o que torna possível que analisemos os discursos em sua historicidade – as retomadas, ausências, permanências, etc.

Como forma de compreendê-lo em sua estruturação linguística, nos reportaremos às noções de paráfrase, polissemia, metáfora/efeito metafórico, aliadas a seu ‘movimento’ nos discursos – os deslizos, os deslocamentos, rupturas, pois é em relação a uma memória de dizeres que sujeitos e sentidos se significam.

1.4.2 Paráfrase, polissemia e metáfora

Orlandi (2006, 2003) propõe observar a dinâmica discursiva mediante o jogo entre dois dos processos de constituição da linguagem: a **paráfrase** e a **polissemia**. De acordo com ela, a *paráfrase* é considerada, na linguística, como a *matriz do sentido*, uma vez que não há sentido sem repetição, sem sustentação no saber discursivo. Ela é, assim, o retorno a um mesmo espaço dizível (memória) que, todavia convive em tensão com a *polissemia* que, por sua vez, é considerada como a *fonte da linguagem*. A polissemia aponta para possibilidades

de ruptura, para diferentes efeitos de sentido em relação a um mesmo objeto simbólico; é a própria condição de existência dos discursos, uma vez que se os sentidos e os sujeitos não fossem múltiplos a significação seria estática, uma, literal, direta. Esses dois processos, paráfrase e polissemia, são igualmente atuantes e determinantes para o funcionamento da linguagem.

Ao pensarmos discursivamente a linguagem, é difícil estabelecer limites precisos entre o mesmo (paráfrase) e o diferente (polissemia). Em razão disso, Orlandi (2003) considera que todo o funcionamento da linguagem se assenta na tensão entre processos parafrásticos e processos polissêmicos. Os *processos parafrásticos* são aqueles pelos quais em todo o dizer há sempre algo que se mantém, por um efeito da memória do dizível. Assim, a paráfrase representa o retorno a dizeres consolidados. Por sua vez, os *processos polissêmicos* são caracterizados por meio de sucessivos deslocamentos, substituições, reiteraões, rupturas, manifestações entre o já-dito e o a ser dito. Enquanto a paráfrase está do lado da estabilização, a polissemia joga com o equívoco, o deslocamento, a ruptura no processo de significação.

Os conceitos de paráfrase e polissemia interessam em nosso trabalho porque nos possibilitam pensar a mudança de um quadro de estabilidade - no qual em todo o dizer há a uma permanência, uma memória - para outro de deslocamento ou ruptura com processos de significação já instaurados.

De acordo com Orlandi (2003), pelo jogo entre paráfrase e polissemia, há possibilidades de transformação, há movimento possível porque o real da língua é sujeito à falha e o real da história é passível de ruptura. “É porque a língua é sujeita ao equívoco e a ideologia é um ritual com falhas que o sujeito, ao significar, se significa” (ORLANDI, 2003, p. 37). Diante disso, a autora assevera que a incompletude é a condição da linguagem, ou seja, tanto os sujeitos, quanto os sentidos estão abertos a um refazer contínuo e constante na articulação do simbólico e da história:

Eles [sujeito, sentido, discurso]¹⁸ estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história. É condição de existência dos sujeitos e dos sentidos: constituírem-se na relação tensa entre paráfrase e polissemia. Daí dizermos que os

¹⁸ Intercalação nossa.

sentidos e os sujeitos sempre podem ser outros. Todavia nem sempre o são. Depende de como são afetados pela língua, de como se inscrevem na história. Depende de como trabalham e são trabalhados pelo jogo entre paráfrase e polissemia (ORLANDI, 2003, p. 37).

Sendo a AD uma disciplina de interpretação, ela trabalha com o não estabilizado na língua, com processos de significação nos quais se materializam a tensão entre o mesmo e o diferente.

Em relação à repetição (o mesmo), Orlandi (2003) faz três distinções importantes. Segundo ela, há 1) a repetição empírica (mnemônica) em que o sujeito sofre o efeito 'papagaio', só repete; 2) a repetição formal (técnica) que se constitui em um 'outro' modo de dizer 'o mesmo' e 3) a repetição histórica, em que o 'mesmo' é historicizado, porque se processa o deslocamento de sentidos.

Diante das possibilidades de diferença, cabe nos reportarmos à noção de metáfora. Em AD, a **metáfora** é compreendida como a tomada de uma palavra por outra, uma transferência [e não desvio de um sentido 'próprio', 'imaneante', 'literal'], ela não é 'figura de linguagem' (PÊCHEUX, 2009; ORLANDI, 2003).

Orlandi (2003) aduz que não há sentido sem metáfora, pois é sempre uma palavra, uma expressão ou uma proposição por uma outra palavra, ou vice-versa, já que as palavras não estão presas a uma pretensa literalidade. É, assim, nas relações de metáfora (que se efetuam por meio de substituições, paráfrases, formação de sinônimos) que elementos significantes se confrontam e se revestem de um efeito de sentido, em uma relação provisória com uma determinada formação discursiva, uma vez que "palavras iguais podem significar diferentemente porque se inscrevem em formações discursivas diferentes" (ORLANDI, 2003, p. 44). Desse modo a *historicidade* – aquilo que faz com que os sentidos sejam os mesmos e também se transformem – é representada pelos deslizamentos produzidos na articulação de diferentes formações discursivas submetidas ao jogo da paráfrase, da metáfora (transferências), dos deslocamentos que redundam em possíveis 'outros' (ORLANDI, 2003).

O processo de produção de sentidos está, portanto, sujeito ao deslizamento, uma vez que sempre há um outro possível que o constitui; tanto o diferente como o mesmo se formulam mediante processos históricos, são afetados pelo efeito metafórico. **Efeito metafórico** é "o fenômeno semântico produzido por uma

substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo do “sentido” designado por x e y” (PÊCHEUX, 1997, p. 96)¹⁹ e, mais, é lugar da ideologia, da interpretação e da historicidade.

Na relação entre língua e discurso, a paráfrase, a metáfora, os deslizos e os deslocamentos se inscrevem como efeitos linguísticos materiais na história e permitem ao analista tecer as intrincadas relações entre discurso, língua, sujeito, sentidos, articulando uma maneira de se conceber a ideologia e o inconsciente, já que os sujeitos não têm controle do modo como os sentidos se constituem nele e na história. “É nesse lugar, em que língua e história se ligam pelo equívoco, lugar dos deslizos de sentidos como efeito metafórico, que se define o trabalho ideológico, o trabalho da interpretação” (ORLANDI, 2003, p. 81). A interpretação, via efeito metafórico, aponta para um discurso simultaneamente duplo e uno, na medida em que um discurso remete a outro, tendo-se a questão ideológica como fundamental, trabalhando-se a relação do discurso à língua e da ideologia ao inconsciente (cf. ORLANDI, 2003).

A relação entre paráfrase, polissemia e metáfora (efeito metafórico), aqui abordada, diz respeito ao fato de que tais conceitos possibilitam colocar em cena a historicidade dos processos de produção de discursos especialmente porque a paráfrase e a metáfora “permitem um certo grau de operacionalização dos conceitos” (ORLANDI, 2003, p. 77), dito de outro modo, o mesmo, o já instaurado é movimentado pelas possibilidades de polissemia que se efetivam mediante a intervenção de outros sentidos, outros saberes e sujeitos, nos processos discursivos, propiciando que venham a emergir dizeres não previstos, os deslocamentos ou mesmo rupturas que se materializam via metáfora, via interpretação. Assim, é pelos processos de paráfrase que o estabilizado é tensionado, o que pode desencadear ‘efeitos metafóricos’. Importa salientar que é pelo ‘mesmo’ da paráfrase, que é uma repetição que joga com equívoco e que, portanto, está sujeita ao diferente, que resulta de um ‘efeito metafórico’.

O que buscamos aqui sublinhar remete substancialmente à tensão entre o mesmo e o diferente. A fim de ilustrarmos como trabalharemos com esses conceitos em relação ao processo analítico (capítulo 3), com base em Orlandi (2003), elaboramos a seguinte representação:

¹⁹ Grifos do autor.

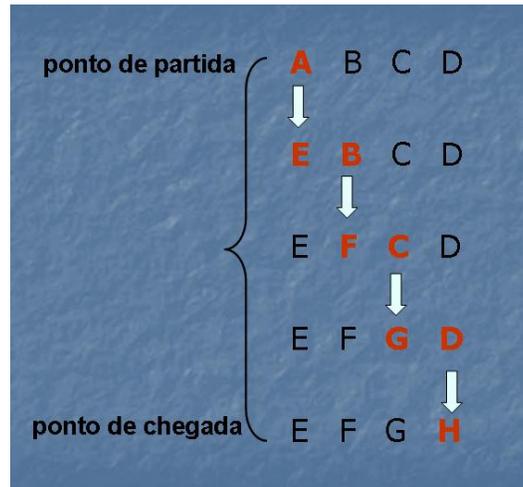


Ilustração 1 - Efeito metafórico
Adaptado de Orlandi (2003, p. 79).

Como se observa na ilustração 1, o ponto de partida difere muito do sentido que se tem no ponto de chegada, em face dos deslizamentos de sentidos, ou seja, dos efeitos metafóricos que se efetuaram em relação contígua. Entretanto, como sublinha Orlandi (2003), a **diferença entre esses pontos é sustentada em um mesmo ponto que desliza** de próximo em próximo, acentuando o fato de que a diferença se dá na/pela historicidade, de que há o mesmo na diferença.

1.5 Discurso *de* e discurso *sobre*

Conforme vimos apontando, analisaremos o discurso que se formula na Feicoop, com base nos conceitos de 'discurso sobre' e 'discurso de', como desenvolvidos por Orlandi (1990), ao lado da noção de efeito metafórico (efeitos de substituição – paráfrases, deslizos, deslocamentos), abordada na subseção anterior. De acordo com Orlandi (1990),

os "discurso sobre" são uma das formas cruciais da institucionalização dos sentidos. É no "discurso sobre" que se trabalha o conceito da polifonia. Ou seja, o "discurso sobre" é um lugar importante para organizar as diferentes vozes (dos discursos *de*). Assim, o discurso *sobre* o samba, o discurso *sobre* o cinema é parte integrante da arregimentação (interpretação) dos sentidos do discurso *do* samba, do cinema etc. O mesmo se passa com o discurso *sobre* o Brasil (no

domínio da história) Ele organiza, disciplina a memória e a reduz (ORLANDI, 1990, p. 37).²⁰

A seguir, com a finalidade de abordarmos alguns dos modos de funcionamento do *discurso de* e o *discurso sobre*, reportar-nos-emos a dois estudos detalhados, Indursky (2006) e Dornelles (2000), respectivamente, as quais empreendem suas análises em corpus constituído de enunciados discursivos quanto à noção de *formação discursiva* correspondente a um domínio de saber. Assim, enfatizamos que as citações respectivas ao MST são exclusivamente sob o foco da abordagem teórica das autoras, não havendo correlação aos ‘movimentos sociais’ referidos neste estudo. Precisamente, é na complexificação dos *discursos de* e ‘sobre’ que circulam no domínio de saber observável pelas autoras citadas que respaldamos a inferência de nossa análise.

Indursky (2006) aborda esse funcionamento discursivo por meio da exemplificação de dois domínios de saber: a Formação Discursiva dos Sem-Terra em contraponto à Formação Discursiva dos Latifundiários, posições antagônicas que determinam sentidos opostos sobre a questão da terra, sentidos que se rejeitam mutuamente. Em seu texto “Identificação e contra-identificação: diferentes modalidades de subjetivação no discurso do/sobre o MST”, a autora afirma que quando começou a trabalhar com esse material, não havia ainda percebido a complexidade que a relação heterogênea dessas noções (de/sobre) desencadeava. À medida que avançou nas análises, pôde observar que, em relação ao discurso do MST, “pensava tratar-se de um discurso que representava todos os *trabalhadores rurais*, discursivamente determinados pela auto-designação de *sem-terra*, em oposição ao discurso dos *proprietários rurais*” (INDURSKY, 2006, p.124).²¹

No entanto, ao aprofundar seu trabalho com foco na circulação desse discurso, vai verificar que o **espaço discursivo** que ela denomina *discurso dos trabalhadores rurais sobre a terra* é bastante heterogêneo, amplo e complexo. Nele encontram-se abrigados movimentos sociais que mobilizam saberes

²⁰ Grifos da autora.

²¹ Grifos da autora.

distintos sobre a questão da terra, tais como: o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra), o MLT (Movimento de Luta pela Terra), o MDST (Movimento Democrático dos Sem-Terra) e instituições como a CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura), a FETAGRI (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) e os Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR).

A despeito de o MST, inicialmente, para Indursky, representar o discurso a propósito da socialização da terra, a autora vai atentar para a heterogeneidade da própria constituição/reestruturação do movimento, fundado em 1985, nos últimos anos.

Em 1994, na Bahia, é fundado o MLT, cujo lema é ‘o socialismo brotará da terra’, organização pequena, socialista e marxista, rejeita as orientações do MST.

Em 1995, dez anos após a criação do MST, é fundado o MDST que, entre outros, prega a autodefesa e a resistência armada para enfrentar pistoleiros, com uma mudança entre os lemas, de “ocupar, resistir, produzir” (MST), para “ocupar, resistir e defender”, marcando uma posição mais radical em relação ao movimento fundador.

Além disso, o interior mesmo do MST vai comportar dissidências. De acordo com a mesma autora, há ações que são lideradas por dissidentes do movimento (dentre elas a ocupação da Fazenda Santa Elina, em Corumbiara, Rondônia, em 1995). Esse grupo se considera como aqueles de que de fato fazem o movimento e afirmam que a luta pela terra não é ‘propriedade’ do MST.

Assim, diante da fragmentação desse discurso, Indursky (2006, p. 126) aponta que, em relação à Formação Discursiva (FD)²² dos Sem Terra:

estamos face a uma Formação Discursiva bastante heterogênea, que abriga em seu interior diferentes posições-sujeito, decorrendo daí que há

²² Com base em Pêcheux (2009) e Orlandi (2006a) podemos dizer que uma FD é aquilo que, em uma determinada conjuntura, determina o que pode e deve ser dito. Uma FD é a realização linguística das formações ideológicas, conjunto de dizeres repetidos e reiterados que delimitam discursos, segundo as posições sustentadas. Uma FD é heterogênea e não é estanque. Em virtude dos objetivos deste trabalho, nos restringiremos a enunciar o conceito de formação ideológica: “cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem ‘individuais’ nem ‘universais’ mas se relacionam mais ou menos diretamente a *posições de classes* em conflito umas com as outras” (PÊCHEUX, 1997, p. 166) [Grifos no texto]. As formações ideológicas comportam uma ou várias FDs.

diferenças mais ou menos acentuadas entre estas posições-sujeito entre as quais se fragmenta a Forma-Sujeito desta FD.²³

Desse modo, o **campo discursivo da questão agrária** é compreendido pela complexidade e pela heterogeneidade constitutiva em torno do referente ‘sem-terra’, visto que “não referencia mais apenas os membros do MST, mas identifica todo aquele que não tem terra, deseja tê-la e engaja-se na luta para conseguir um lote de terra” (p. 130).

Entretanto, para Indursky, a posição-sujeito MST destaca-se como dominante no interior da Formação Discursiva dos Sem-Terra, *por isso organiza o saber desse domínio de conhecimento*. Mas, em consequência da dispersão, da heterogeneidade e das divergências de posições sujeito que atuam nessa FD, ela não detém a exclusividade da luta pela terra.

Isso nos permite pensar, a propósito do objeto de nosso estudo, que o ‘discurso de’ é disperso, fragmentado em múltiplas vozes, lacunar, vinculado a uma memória discursiva inscrita em um processo histórico, no qual a voz dominante pode vir a produzir um efeito de porta-voz (daquele que fala em nome ‘de todos’). Essa dominância de uma determinada posição-sujeito produz o efeito de generalização, de homogeneização, de unidade e a torna definidora do sujeito político (nesse caso, sujeito político do MST), uma vez que “as diferenças são esquecidas para só aparecer o que há de comum: a luta pela redistribuição da terra” (p.131).²⁴ Mas o consenso é apenas aparente, uma vez que opacifica as diferenças e contraidentificações.²⁵ Como vimos, mantêm-se bem marcadas pela dispersão, heterogeneidade e fragmentação de uma FD inscrita em um processo histórico no qual as diferentes subjetividades articulam o embate de *discursos de/sobre*.

²³ Cf. Orlandi (2006a, p.16), posições sujeito são os lugares sociais dos quais falamos e marcamos o discurso com a força da locução que este lugar representa; ex: lugar de presidente, de professor, de pai, de filho, etc. Por sua vez, a forma-sujeito é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais (p. 18).

²⁴ Grifo da autora.

²⁵ Pêcheux (2009) distingue três modalidades de subjetivação: A *identificação* caracterizada pela adesão/identificação ‘bem-sucedida’ do ‘bom sujeito’ ao discurso do sujeito Universal (da ciência, do saber legitimado/dominante); a *contraidentificação* que comporta uma tomada de posição pelo ‘mau sujeito’ que então se distancia, não se reconhece em uma FD dominante e/ou imposta, identificando-se a uma outra FD; a *desidentificação* que supõe uma ruptura radical com uma ordem discursiva.

Noutra perspectiva, Dornelles (2000), no texto, “Nas representações do sujeito: os vestígios da partição”, analisa formas de representação do sujeito do discurso do MST “entendendo que esse, ao representar-se ou representar, coloca em evidência os efeitos da construção de si mesmo como um ser partilhado” (DORNELLES, 2000, p.168). A autora aborda tal questão a partir de duas perspectivas: a) como designação para assumir um lugar em uma situação específica: ato empírico de representar, realidade simbolizada pelos atos físicos de um sujeito; e, b) “como parte do processo discursivo cujo plano, ainda que da ordem do simbólico, não está somente para o sujeito empírico, mas para o sujeito “reduplicado” [...], interpelado ideologicamente...” (p.168).²⁶ Nesse caso, a representação traz a presença do outro.

O corpus que a autora analisa são sequências discursivas de referência (sdr) recortadas de um arquivo de falas de sujeitos que se identificam/representam como integrantes do MST. Os modos de representação desses sujeitos são analisados por meio da observação de três locutores (eu, nós e a gente), conforme discriminaremos respectivamente.

Dornelles problematiza o discurso do MST em relação aos seus diferentes níveis de organização, em conformidade com a Cartilha nº 2 do movimento. Resumidamente, são quatro níveis que constroem instâncias:

1) direção e 2) militantes - a estes cabem as atribuições de unidade, condução do movimento, sustentação e organicidade;

3) base e 4) massa – estes são responsáveis por identificar-se com o movimento, mobilizar-se em torno dos objetivos comuns.

A autora analisa, primeiramente, o uso do **nós inclusivo** (nós do MST; nós do movimento), funcionando como uma das formas de construção da imagem do militante; o nós apresenta um referente coletivo, ou seja, há uma inclusão do sujeito do discurso na organização MST.

A autora analisa sdr em que também o sujeito do discurso se constrói como militante, marcando seu envolvimento nas lutas da organização e seu poder de decisão. Essa identificação se dá pelo emprego do **eu**, como uma representação singular. O sujeito do discurso se atribui tarefas e procura se identificar com as bandeiras de luta do movimento - “eu discuti com a

²⁶ Grifo da autora.

universidade”; “eu faria um apelo a todo o pessoal...”; “acho que a luta continua...” (Idem, p.171), de maneira a ser visto como militante, defensor da causa.

É importante notar que ao se colocar no lugar do militante, em uma representação singular e investir-se de poderes para tomar decisões em nome do MST, o sujeito do discurso põe em evidência duas ilusões: a de unicidade e a de autonomia. Em outras palavras, tanto na ilusão de unicidade, quanto no gesto de autonomia, o ‘eu’, ao mesmo tempo, estabelece um jogo tenso que relativiza a “noção de sujeito como ser submetido ao social, mas, ao mesmo tempo, com lugar para a individualidade” (p.171). A relação de alternância entre ‘eu’ e ‘nós’, para a autora, demonstra um espaço de tensão entre o sujeito individual (eu faço x) e o social (nós do MST).

A autora faz ainda uma análise do **nós**, em dois níveis; buscando tanto o funcionamento, quanto a ambiguidade decorrente da variedade de referentes aos quais o locutor pode associar-se, incluir-se sem especificá-los, sem que se determine quem são.

O primeiro nível diz respeito a ‘nós’ e a ‘a gente’, que na análise não remetem ao sujeito individual como aquele que se investe do plural de falsa modéstia, mas para o sujeito social, com referência ao MST.

Nesse caso, o sujeito assume sua identificação com a FD a qual está assujeitado - “a gente adotou a palavra de ordem...”; “nóis do MST”; nós expulsemos gente de lá” (p. 172); ou seja, ‘nós’ remete para o sujeito social, cujo referente é o MST. Percebe-se que a voz do MST está na fala do assentado, um movimento que apaga o sujeito do discurso (individual) e revela o outro: o MST.

O segundo nível de utilização do ‘nós’ não necessita da especificação de todos os seus referentes e, por isso, instaura a relativização do coletivo. Essa relativização pode ser compreendida pelo uso do ‘nós’ como parâmetro em três eventos discursivos, nos quais há referentes diferenciados e a autora os explica pelas condições de produção.

Dornelles aponta a utilização do segundo nível do ‘nós’ como aquele em que não é necessária a especificação de todos os referentes e, por isso, instaura a relativização do coletivo, o sujeito do discurso o emprega para representar-se como parte de diferentes grupos. Essa relativização pode ser compreendida pelo

uso do 'nós' como parâmetro, em três eventos discursivos, nos quais têm referentes diferenciados e a autora os explica pelas condições de produção.

1- nós coletivo (MST e o Grupo do UFRGS) – o sujeito se dirige para um público universitário (professores e alunos) que desenvolve projetos nos assentamentos – falando como se fosse o MST e busca se representar pela união com esse grupo. O referente (do nós) é, assim, construído no processo discursivo.

2- nós coletivo (MST e todos os excluídos) – o sujeito tem como plateia universitários em uma mostra fotográfica cujo tema é a exclusão. O sujeito vale-se do discurso da FD que o domina pela voz do outro, como porta-voz - “O João Pedro diz: Onde tive uma fábrica parada, vamos ocupá-la...”; “a luta pelo emprego é outra questão que nós temo que intensifica...” (p. 173-174) e busca a adesão de seu público às causas coletivas – o nós é nesse caso todo aquele que não têm onde morar ou não têm trabalho – os excluídos.

3- nós coletivo (MST e forças de oposição) – o sujeito se enuncia como o próprio movimento, tendo como público representantes de partidos políticos da esquerda, presidentes de sindicatos, apoiadores da Reforma Agrária, militantes do MST, e o nós passa a ser esse coletivo composto por aqueles que se opõem à política que então vigorava no RS e no país.

A autora conclui que a construção do sujeito desse discurso se efetiva a partir de um movimento de conclamação do outro, e que “nesse processo de assunção de lugar, há apagamentos (esquecimentos) que permitem que a parte assuma o lugar do todo e daí fale/seja falada” (p.175). Essa construção se realiza por meio de mecanismos linguísticos (eu, nós, a gente) que, conforme pudemos observar, não têm desde já seus referentes determinados, o que coloca em cena a não transparência da linguagem e a relevância de um trabalho que considere as formulações na relação estreita com suas condições de produção (CP).

Vimos então, o *discurso de* multifacetado. A partir da análise de Indursky, é possível compreender a heterogeneidade de um campo discursivo, no âmbito de sua circulação, consideradas as organizações que constituem a discursividade 'questão agrária' e a multiplicidade dos sujeitos que estariam representados nesses discursos, em face das relações de dominância e dissidências nesse espaço. Além disso, Dornelles vai adentrar uma dessas organizações para

problematizar as vozes dispersas que constituem esse ‘mesmo’ discurso ‘de’ (os trabalhadores rurais), em suas diferentes instâncias internas de organização, destacando como os sujeitos desse discurso se significam a partir dele/nele e a opacidade dos elementos linguísticos que os indicam (eu, nós, a gente).

De outro lado, os *discursos sobre*, hodiernamente, têm na mídia uma das formas mais visíveis de sua aparição, enquanto ‘organização’ das diferentes vozes dos discursos de, conforme procuramos aqui abordar. O que buscamos salientar diz respeito à heterogeneidade de um discurso, seja internamente, seja no âmbito das organizações/instituições que o movimentam, seja como ele é colocado em circulação.

Neste estudo, nos dedicaremos ao estudo do discurso ‘sobre’, considerando sempre o fato de que ele se dá na relação indissociável com o discurso ‘de’, isto é, há indícios, vestígios²⁷ do discurso ‘de’, no discurso ‘sobre’, marcando a impossibilidade do controle do dizer, diante da heterogeneidade que o constitui.

²⁷ Cf. Orlandi (2008, p. 92): “Nos *vestígios* – e devo observar que esta noção tem em meus trabalhos um valor conceptual específico, já que a considero em oposição a marca, sendo esta ou da instância formal ou empírica - (...)”

CAPÍTULO 2

AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DE UM DISCURSO DE/SOBRE SOLIDARIEDADE

2. O Projeto Esperança / Cooesperança²⁸

O Projeto Esperança/Coesperança é uma instituição de cunho social que atua sob a coordenação da Diocese de Santa Maria e que fundou as bases da Feira do Cooperativismo (Feicoop), em meio a um processo de organização coletiva de pequenos trabalhadores rurais e urbanos. Como tal, descreveremos a seguir parte dessa história que constitui o discurso de/sobre solidariedade, em circulação na/pela Feicoop, dizeres então tomados como articuladores de formas alternativas de se posicionar produtiva e subjetivamente ante alguns dos efeitos excludentes da globalização.

Em 20 de dezembro de 1977, é fundado o **Banco da Esperança**, um espaço assistencial da pastoral social da Diocese de Santa Maria, criado por Dom Ivo Lorscheiter²⁹; antes ainda foi instituída uma feira anual, a **Feira da Primavera**,

²⁸ A história a que nos reportamos aqui tem como referência a seguinte publicação: **O Projeto Esperança/Coesperança e a construção da economia solidária no Brasil**. Relato de uma experiência. Organizadores: Ana Mercedes Sarria Icaza e Marcelo Ribeiro de Freitas. Porto Alegre, RS: Cáritas Brasileira, 2006. Além de dados divulgados no site do projeto <http://www.esperancacoesperanca.org.br>, e em: <http://desafios2.ipea.gov.br/sites/000/17/edicoes/37/pdfs/rd37not08.pdf>

²⁹ Dom José Ivo Lorscheiter, bispo emérito de Santa Maria, nasceu em uma família simples e religiosa, no dia 7 de dezembro de 1927, em São José do Hortêncio, 2º distrito de São Sebastião do Caí (RS). Em 1939, com 11 anos de idade, foi estudar no Seminário São José em Gravataí, onde concluiu os estudos. Em Roma, cursou Teologia e foi ordenado sacerdote pelo bispo dom

a fim de que com esse evento fossem angariados recursos para a formação de um fundo com vistas à criação do Banco da Esperança, o que efetivamente veio a acontecer, seguindo o modelo do Banco da Providência da Diocese do Rio de Janeiro. Fundado por Dom Hélder Câmara, em 1959, o Banco da Providência³⁰ é uma instituição filantrópica, sem fins lucrativos. Atua, até os dias de hoje, para a redução da desigualdade social, a promoção e defesa de direitos e o desenvolvimento humano de jovens, adultos e famílias residentes em comunidades desfavorecidas do Município do Rio de Janeiro, por meio de ações que visam a oferecer proteção social, tais como a viabilização de oportunidades de trabalho, a capacitação profissional, a geração de renda e o fortalecimento de lideranças locais.

Já o **Projeto Esperança** foi fundado em 15 de agosto de 1987, como uma extensão do Banco da Esperança, com a função de congregar pequenos projetos econômicos comunitários em um grande grupo. Em 06 de março de 1987, a direção desse empreendimento foi assumida pelas religiosas da Congregação Filhas do Amor Divino: Cecília Dahmer, Lúcia Riffel e Lourdes Maria Staudt Dill. Dentre elas, a Irmã Lourdes Dill assumiu a coordenação do Projeto e exerce as atividades até hoje. A Irmã Lourdes, como é popularmente conhecida, exerce forte liderança e influência na organização do processo de preparação e realização dos eventos de promoção da economia solidária³¹. O Projeto Esperança/Cooesperança, vinculado ao Banco da Esperança da Diocese de Santa Maria (RS), busca construir:

o associativismo, o trabalho, a solidariedade, a cidadania, um novo modelo de cooperativismo, a economia popular solidária, a inclusão social, através de alternativas concretas de radicalização da democracia,

Afonso Carinci na Igreja de São Leão Magno, em 20 de dezembro de 1952. De volta ao Brasil, em 1965, foi nomeado bispo auxiliar de Porto Alegre, onde trabalhou durante oito anos. De 1971 a 1979, período considerado sensível pela oposição ideológica entre o regime militar e setores da sociedade civil, foi secretário geral da CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) durante dois mandatos consecutivos. Assumiu a diocese de Santa Maria em 21 de abril de 1974. De 1979 até abril de 1987, foi presidente da CNBB. Em março de 2004, o papa João Paulo 2º aceitou a renúncia de dom Ivo, por limite de idade, após 30 anos de exercício efetivo à frente do bispado da Diocese de Santa Maria. Morreu em Santa Maria, aos 79 anos, quando completaria 41 anos de ministério episcopal.

³⁰ Conforme site oficial do Banco da Providência: <http://www.providencia.org.br/>. Acesso em 06/01/2011.

³¹ Irmã Lourdes nasceu em 29 de setembro de 1951, em São Paulo das Missões (RS) e é membro da congregação religiosa Filhas do Amor Divino, entidade internacional com ramificação em 19 países, também localizada em Santa Maria.

do desenvolvimento humano, solidário e sustentável e na “reinvenção da economia”, onde o trabalho está acima do capital.³²

Como prioridade no plano de ação do Projeto foi estabelecida a necessidade de construção de um espaço para que os feirantes pudessem disponibilizar sua produção para venda direta aos consumidores. Uma vez construído³³, esse local foi chamado de Terminal de Comercialização, o que permitiu a organização das feiras em um local fixo, realizadas em dois dias de cada semana. Sem muitos recursos, a participação dos grupos era bastante improvisada.

Um dos princípios norteadores das ações do Projeto Esperança/Coopesperança é o livro **A pobreza, riqueza dos povos. A transformação pela solidariedade**, do autor africano Albert Tévoédjrè³⁴, que aborda um projeto de sociedade a partir da caracterização da condição de pobreza não sob variáveis econômicas, mas reflexiva em relação às possibilidades de igualdade e emancipação sociais, tendo como elemento mobilizador práticas de solidariedade. Esta posição pode ser compreendida como aquela que visa a alcançar por meio de processos de intensificação das relações político-sociais a instituição de vínculos formais entre “pessoas e comunidades que previamente estabeleceram objetivos nobres e precisos, baseados na condição humana vivida e participada conjuntamente” (TÉVOÉDJRÈ, 2002, p. 146).

O livro **A pobreza, riqueza dos povos** funcionou como uma cartilha àqueles que firmaram os primeiros passos do Projeto Esperança/Coopesperança, guiando as práticas de luta e organização dos trabalhadores urbanos e rurais da região de atuação da Diocese de Santa Maria, no centro do Rio Grande do Sul. O então bispo Dom Ivo Lorscheiter e sua equipe multidisciplinar, liderada por Irmã Lourdes Dill, adotaram a tese central do autor africano, que aponta a simplicidade de estilo de vida como elemento que constitui a própria finalidade do

³² Texto *Projeto Esperança/Coopesperança: Uma experiência que deu certo* [Diocese de Santa Maria], p. 1, do suplemento da 3. ed. do livro **A pobreza, riqueza dos povos. A transformação pela solidariedade**, de Albert Tévoédjrè, Ed. Vozes, 2002.

³³ O Terminal de Comercialização foi inaugurado em 05/06/1989.

³⁴ O autor nasceu em 1929 em Benin, Estado Africano de língua francesa às margens do Golfo da Guiné. Estudou em Dakar e nas Universidades de Toulouse e Friburgo. Ensinou no Senegal, na França e em Benin.

desenvolvimento pessoal e social. Desse modo, instituíram a missão de desenvolver o potencial de mudança social a partir do princípio da solidariedade, práticas de ajuda mútua visando à reformulação das relações econômicas e à intensificação da produção ecológica, mediante técnicas voltadas ao equilíbrio ambiental.

A partir de 1982, a obra de Tévoédjèrè foi estudada e aplicada com vistas a orientar e regularizar as práticas de produção econômica e de relações sociais mediadas, principalmente, pela Diocese de Santa Maria, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e pela Empresa de Assistência Técnica e Expansão Rural (Emater-RS).³⁵

Ao serem criados, em 1987, o Projeto Esperança e, em 1989, a Cooesperança (Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos) congregavam e sedimentavam a base da motivação centrada na busca de apoio às pequenas iniciativas associativas e comunitárias, embriões dos PACs – Projetos Alternativos Comunitários, apontados como “um novo jeito de construir o desenvolvimento e encontrar soluções para os grandes problemas sociais, entre eles o desemprego, o êxodo rural, a fome, a miséria e a exclusão social”.³⁶

Dom Ivo Lorscheiter propôs à Cáritas do Brasil a adesão ao que considerava um novo modelo de desenvolvimento, calcado na geração de trabalho e renda empreendido por grupos organizados a fim de viabilizar a comercialização direta da produção solidária no campo e na cidade.³⁷ Tendo a apreciado a proposta, a Cáritas Regional (RS), após sucessivos debates e análises, decidiu participar “na construção de políticas que vão consolidando um novo modelo de desenvolvimento fundado na solidariedade, a partir dos ‘pequenos’”³⁸. Decisão assumida, a Cáritas passou a apoiar os PACs - Projetos Alternativos Comunitários que visavam a construção de programas sociais para enfrentar a exclusão consequente da política neoliberal capitalista; com esse compartilhamento de ações, é iniciada a organização dos produtores consoante

³⁵ Cf. Texto *Projeto Esperança/Coesperança: Uma experiência que deu certo* [Diocese de Santa Maria], p. 2, do suplemento da 3. ed. do livro **A pobreza, riqueza dos povos**. A transformação pela solidariedade, de Albert Tévoédjèrè, Ed. Vozes, 2002.

³⁶ Texto supracitado, p. 2.

³⁷ Artigo: *Promoção de alternativas para uma Economia Solidária*, p. 12, elaborado pela Equipe da Cáritas Brasileira Regional – RS, no suplemento referido na nota supracitada.

³⁸ Grifo no texto, p. 12, cf. o artigo supracitado.

técnicas de cultivo e de comercialização com o objetivo de que o consumidor assimile e pratique o modo proposto como alternativo à produção capitalista, de maneira que “a viabilização dos PACs se dá basicamente através do trabalho associado - como chave da questão social – e pode reunir através de cooperativas, microempresas”³⁹ e associação de pessoas comprometidas em um fazer coletivo .

A busca de maturidade para o Projeto e uma visão voltada à ideia do associativismo levou à formação de um grupo de trabalho composto por representantes dos produtores e de professores do então curso de Tecnólogo em Cooperativismo da UFSM com a finalidade de discutir a possibilidade de constituição de uma representação legal. Então, em 29 de setembro de 1989, foi fundada a *Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos vinculados ao Projeto Esperança*, que recebeu o nome de **Cooesperança**. Apesar do entusiasmo inicial, a estratégia adotada para relacionamento com os produtores não se mostrou acertada, em princípio, gerando um fato que os registros dão conta como sendo uma crise de caráter político-administrativa, de questionamento da forma como a cooperativa estaria sendo administrada.

Os três primeiros anos de gestão da Cooesperança foram assinalados por dificuldades de modo que o Terminal de Comercialização foi fechado e aberto, por quatro diferentes diretorias, sem que se fossem debeladas as sucessivas crises.

Neste momento, houve um distanciamento entre, de uma parte, a Cooesperança (Cooperativa Mista dos Pequenos Produtores Rurais e Urbanos), representada fundamentalmente por sua direção e a equipe técnica, e, de outra, a equipe do Projeto Esperança e o corpo de cooperados cada vez mais desmotivados pelos resultados econômicos e pelos problemas de gestão e de falta de participação na cooperativa. Essa situação agravou-se de tal forma que o primeiro presidente eleito acabou sendo deposto depois de quatro meses no cargo, acusado de privatizar a gestão do empreendimento em nome de interesses particulares. Em seguida, a nova diretoria recém empossada demitiu-se ao tomar conhecimento da situação financeira da cooperativa (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 45).

No quarto e último impasse, em 1992, a Cooesperança só não encerrou suas atividades porque foi impossibilitada devido ao montante elevado de dívidas. Dessa forma, foi formado um colegiado de gestão sob a direção da Irmã Lourdes

³⁹ Cf. o artigo supracitado, p. 14.

com “o desafio de revitalizar a Cooesperança” (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 46). Naquela época, não se falava em economia solidária e sim em feira de agricultura, uma prática que serviu como referência à criação do *Feirão Colonial*, resultado dos esforços do colegiado que, entre outras ações, formalizou a integração da administração da Cooperativa Esperança ao Projeto Esperança, resultando na atual denominação *Projeto Esperança/Cooesperança* e, também, reabriu o Terminal de Comercialização, pela quarta vez, em 01 de abril de 1992.⁴⁰

A Cooperativa Esperança, após sua incorporação ao Projeto Esperança, continuou existindo na instância jurídico-legal para a realização de atividades de comercialização, mas, de fato seu funcionamento passou a estar orientado pelas premissas do Projeto, ou seja, por meio de seus processos de formação, de motivação para a solidariedade, com o estímulo à participação e à promoção de lideranças que podem vir a assumir posições na organização. Consideramos que seja importante pontuarmos as dificuldades de gestão, na medida em que levamos em conta as condições de produção do discurso sobre a solidariedade na Feicoop.

Observa-se, assim, que um dos aspectos mais acentuados nas sucessivas crises da Cooperativa Esperança foi o fato de que, em um determinado momento, os próprios cooperados se recusaram a entregar seus produtos e se afastaram do quadro de sócios por incredulidade na proposta de gestão cooperativada. É interessante notar que, ao propor uma alternativa de desenvolvimento econômico-social associativo, os organizadores não detinham experiência suficiente às exigências de um mercado competitivo ao qual eles se dispunham a enfrentar. As principais ações para reverter esse quadro de crise foi o reestudo de todo o processo, adoção de procedimentos técnicos na produção coletiva e visitação a feiras em cidades gaúchas e fora do Estado para observar iniciativas de organização cooperativada semelhantes. Nesse percurso, foram pontuadas etapas de cooperativismo, Economia Popular Solidária (EPS) e a atual inserção na Economia Solidária.⁴¹

⁴⁰ , “Pra não fechar mais” (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 47 - depoimento da Ir. Lourdes Dill). O terminal de comercialização desde 1992 mantém ininterruptas suas atividades.

⁴¹ Entre outras iniciativas, estabeleceu-se convênio entre a Cáritas e esta com a Unisinos com o objetivo de realizar uma pesquisa visando a definir, em um primeiro momento, o perfil

De acordo com os postulados do Projeto Esperança/Cooesperança/Feicoop⁴², o discurso de/sobre solidariedade pode ser entendido como um conjunto de atividades econômico-sociais organizadas segundo princípios de cooperação e associativismo, de maneira que haja primazia dos interesses coletivos em detrimento dos individuais, mediante a socialização dos recursos produtivos e a adoção de gestão participativa. Pode-se ampliar o horizonte desse contexto local para o que o pensador africano prognosticou como projeto cooperativo: “a visão de uma sociedade alternativa em que o espírito de iniciativa, o espírito de rigor e o espírito de solidariedade podem fazer florescer conjuntamente a comunidade” (TÉVOÉDJERÈ, 2002, p. 135).

A possibilidade de associar processos isolados de produção e comercialização por meio do modelo econômico-social da cooperação, da solidariedade, nos espaços comunitários e entre comunidades, no âmbito de um país (sociedade) e, por fim, das relações entre países (quadro cooperativo global⁴³) permite analisarmos o *discurso de/sobre* a solidariedade como contraste à globalização e suas consequências. Destacadamente pelo fato de que, devido à expansão capitalista moderna, parcelas significativas da população de trabalhadores foram relegadas à precarização nas relações de trabalho, ao desemprego e, não raro, à exclusão social. Iniciativas como a do Projeto Esperança/Cooesperança têm servido como guarida àqueles que, estando à margem do sistema formal de produção, pudessem buscar alternativas, formas de subsistência/sobrevivência, em atividades de trabalho individual ou familiar associativo.

socioeconômico dos participantes dos PACs (Projetos Alternativos Comunitários) e, posteriormente, a elaborar cartilhas de orientação e organização coletiva (cf. SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 51).

⁴² Consideramos os postulados do Projeto Esperança/Cooesperança/Feicoop os fundamentos das ações difundidos na obra de Tévoédjerè notadamente divulgada como norteadora das ações, os princípios veiculados no site no Projeto Esperança/Cooesperança (<http://www.esperancacooesperanca.org.br>), na **Revista do Histórico dos 15 Anos da Feira de Santa Maria**: Uma Experiência Aprendente e Ensinante (R15) e em materiais de divulgação distribuídos na Feicoop (vide referências).

⁴³ “Por isso, nós sentimos a necessidade de um **quadro cooperativo global**, que não deixe nada fora do controle da solidariedade” (TÉVOÉDJERÈ, 2002, p. 135) [negrito nosso].

2.1 A Feicoop

Promovida pelo Projeto Esperança/Cooesperança, a Feicoop teve sua primeira edição nos dias 1 e 2 de julho de 1994, sob a denominação de 1ª Feira do Cooperativismo, com o slogan “Projetos Comunitário (*sic*): Mais qualidade de vida”. Desde sua fundação, caracteriza-se pela difusão de discursos críticos em relação aos modelos tradicionais de cooperativismo que se equivalem à gestão e à natureza jurídica das empresas da livre iniciativa.

Para diferenciar-se, a Feicoop passou a defender um cooperativismo proposto como alternativo e popular em sua prática solidária, que visa a um funcionamento de oposição à exclusão proporcionada pela exacerbação capitalista, mas, ao mesmo tempo, também apresenta um funcionamento similar ao jogo capitalista, de remuneração justa e de satisfação das necessidades básicas em relação à produção e ao mercado de venda e compra. O jogo parafrástico entre cooperativismo alternativo/popular, veremos no capítulo 3. Por ora, destacamos a compreensão de ‘popular’ difundida pela Cáritas [vide subseção 2.2, a seguir]:

Em nossa concepção, o conceito de “popular” destaca o processo de organização solidária *com* e *a partir* dos excluídos, já que os “grandes” também são solidários entre eles. No bojo do popular está uma opção político-pedagógica [...] O popular, contudo, não significa desprezar a tecnologia socialmente acumulada. Também não significa produto sem qualidade, coisa pequena, isolada [...] A produção econômica com tecnologia adequada deve garantir a realização da pessoa-ser-solidário: a *con-cidadania*.⁴⁴

Sob essa definição de popular, e com vistas a integrar um processo de assistência técnica e extensão de conhecimentos com vistas a práticas de cultivo, produção e comercialização, via ações solidárias, a Feicoop inicialmente contava com a participação de municípios abrangidos pela região de atuação da Diocese de Santa Maria, na região central do RS. Posteriormente, a partir da 6ª edição, em 1999, passou a denominar-se Feira Estadual do Cooperativismo Alternativo; a partir de 2002, na 9ª edição, passou a ter realização simultânea à Feira Nacional de Economia Popular Solidária e, concomitante à 12ª edição da Feicoop, em

⁴⁴ Artigo: *Promoção de alternativas para uma Economia Solidária*, p. 16 [Cáritas Brasileira Regional – RS], no suplemento já referido. Grifos no texto.

2005, inicia-se a Feira de Economia Solidária do MERCOSUL, que assinalaria uma referência decisiva quanto à discursivização de uma outra economia/economia solidária [vide cap.3].

Realizada anualmente no mês de julho, a Feicoop está inserida no calendário de eventos da economia solidária da América Latina. Conforme Machado (2008, p. 83),⁴⁵ “trata-se de uma iniciativa que tem como riqueza maior a força da construção em mutirão”, isto é, um processo social construído por sujeitos do meio urbano e rural. A autora destaca que ao invés de reproduzir a lógica dominante, a Feicoop trabalha com alternativas de valorização de saberes locais, considerando as diversidades e especificidades de cada território. Segundo a autora, as características que demarcam o caráter de inovação social da Feicoop são as seguintes: 1) valorização das experiências e saberes de cada pessoa; 2) cuidado com o meio ambiente; 3) respeito às diversidades; e 4) construção de parcerias com organizações da sociedade civil e poder público.

2.2.1 Solidariedade e religiosidade

Observamos que a fundação do Projeto Esperança/Coesperança [e por conseguinte, a Feicoop] se institui à luz do discurso religioso, em um ambiente de troca de experiências comunitárias, sob a chancela da Cáritas⁴⁶ do Brasil. A Cáritas Brasileira⁴⁷ faz parte da Rede Caritas Internationalis, rede da Igreja Católica de atuação social composta por 162 organizações presentes em 200 países e territórios, com sede em Roma. Foi criada no Brasil em 12 de novembro de 1956 como organismo da CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, e é reconhecida como de utilidade pública federal.

Entre os discursos que circulam na Feicoop, estão aqueles preconizados como pilares da Cáritas Brasileira, tais como: a defesa e a garantia de preservação de direitos humanos consagrados em fóruns e tratados

⁴⁵ Artigo “15ª Feira de Economia Solidária de Santa Maria: Um processo aprendente e ensinante”, de Loiva Mara de Oliveira Machado, da Cáritas Brasileira Regional RS, publicado na **Revista do Histórico dos 15 Anos da Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendente e Ensinante** (R 15), p. 83-84.

⁴⁶ Questão detalhada na próxima subseção.

⁴⁷ Conforme informações obtidas no site: <http://www.caritas.org.br/quemsomos.php?code=8>. Acesso: em 15/11/2010.

internacionais, as mobilizações voltadas à cidadania, o desenvolvimento sustentável e solidário, o fortalecimento e a organização institucional da economia popular solidária. Inserimos abaixo um texto contido em um informativo de circulação institucional entre os participantes e visitantes da Feicoop de maneira a observarmos, ainda que superficialmente, o funcionamento discursivo engendrado pelo mote da solidariedade e seus desdobramentos sociais em conceitos inerentes a justiça [social], mutualidade, organização disciplinar, partilha, perspectiva do novo que se instaura, clivagem e superação, enfim, uma receita de mobilização político-social em formato de oração, conforme segue:

Oração da Solidariedade

Senhor Jesus, tu foste solidário com teu povo, especialmente com os rejeitados de teu tempo.

Te fizeste um igual a nós, assumindo a condição humana.

Ajuda-nos hoje a viver a solidariedade que é amor, que é justiça.

Derrama em nossos corações o espírito de solidariedade.

Ele nos fez solidários por amor. Queremos nos ajudar mutuamente a carregar os fardos uns dos outros.

Ajuda-nos a crescer na consciência da necessária organização para sermos eficientes na partilha dos teus bens materiais e espirituais.

Assim estamos construindo uma nova base social cujo alicerce seja a solidariedade e a justiça. Senhor da solidariedade, ensina-nos a superar o isolamento, o egoísmo e a ganância. E em seu lugar, cultivemos experiências alternativas que se tornem esperança e certeza de novas relações humanas.

Que a solidariedade alimente nossa vida e organização.

Assim seja!⁴⁸

A presença da instituição Cáritas também se dá, como contribuição direta, em iniciativas que difundem conhecimentos ou o aperfeiçoamento de técnicas de cultivo agrícola a trabalhadores rurais, bem como na propagação de um fazer alternativo que é legitimado pela ação conveniada com outras instituições educacionais ou de assistência e extensão rural. Podemos citar como um dos casos, a articulação entre Cáritas, estudantes do Centro de Ciências Rurais da UFSM e um grupo de agricultores integrantes do Projeto Esperança/Cooesperança. Essa articulação consistia em mobilização de pequenos agricultores de maneira a enfrentarem organizadamente o poder de oligopólio – que se institui quando um pequeno, mas poderoso, número de empresas produtoras de sementes industrializadas ou modificadas geneticamente

⁴⁸ Oração da solidariedade. Fonte: CÁRITAS BRASILEIRA REGIONAL RS, 2008-2011, Porto Alegre (RS). [Informativo Institucional]. Rio Grande do Sul: Secretariado Regional RS, 2008. Folder.

(transgênicas) controla a oferta de produtos para ter domínio sobre o mercado. Ao concordarem, os produtores aderiram à proposta de criar, como forma de resistência, um Banco Regional de Sementes Crioulas que permite, mediante comprometimento mútuo dos participantes, o acesso e a produção compartilhada de sementes naturais sem intervenção tecnológica/genética. A orientação [pedagógica] aos produtores se deu através de cursos, minicursos, palestras de capacitação, demonstrações práticas em dias de campo e distribuição de panfletos, com o objetivo de divulgar os benefícios ao meio ambiente e à saúde humana por meio do uso de sementes puras (orgânicas).⁴⁹

2.2 Solidariedade e Cooperação

A solidariedade e a cooperação têm permitido a organização coletiva de movimentos representativos de setores da produção em pequena escala e de grupos sociais minoritários com vistas à implantação de empreendimentos econômico-sociais alternativos. São iniciativas que estabelecem meios de geração de renda como possibilidade de enfrentamento da exclusão.

Desse modo, vamos observar, em um quadro bastante sucinto, como tais conceitos vêm sendo apresentados nos dias de hoje.

O **Dicionário Internacional da Outra Economia** (2009) aponta os seguintes elementos ao mencionar o verbete cooperação:

Ato de cooperar ou operar simultaneamente, trabalhar em conjunto. Está associado às idéias de ajuda mútua, de se contribuir para o bem-estar de alguém ou de uma coletividade. No sentido amplo, indica a ação coletiva de indivíduos com o intuito de partilhar, de forma espontânea ou planejada, o trabalho necessário para a produção da vida social [...]. No sentido restrito, a cooperação é entendida como a base das relações econômico-sociais que os trabalhadores associados pretendem estabelecer no processo de trabalho [...] Denota um valor ético-político, resultante de uma visão de mundo e de ser humano que atribui ao sujeito coletivo a disposição, o empenho, a solidariedade, o compromisso de apoiar, de fazer com, de produzir com, de tomar parte de um empreendimento coletivo cujos resultados dependem da ação de cada um dos sujeitos ou instituições envolvidas [...] (JESUS; TIRIBA, 2009, p. 80).

⁴⁹ Cf. informações divulgadas no folder intitulado *Banco Regional de Sementes Crioulas*, da Diocese de Santa Maria, RS.

Além disso, é importante salientarmos a concepção extraída da obra, cuja leitura inspirou a organização coletiva em torno da perspectiva transformadora pela solidariedade.

Esta é também hoje a nossa riqueza e a nossa esperança. A solidariedade permite a união dos pobres em função de um enriquecimento coletivo. Como organizá-la? De que modo a pobreza no poder nos conduz a uma vida mais intensa de participação popular, que conserva todas as nossas peculiaridades? Defendo a proposta de que é mediante um *contrato de solidariedade*. E quero propor esta reflexão no contexto de reivindicação de uma nova ordem internacional, que deveria provar o poder da pobreza (TÉVOÉDJRÈ, 2002, p. 139).⁵⁰

Da mesma forma, parece-nos relevante referimos elementos do conceito moderno de solidariedade:

O conceito moderno de solidariedade remete a dois projetos diametralmente opostos, sendo, portanto, impossível apresentar uma acepção unificada. **A solidariedade filantrópica** corresponde ao primeiro deles, remetendo à visão de uma sociedade ética na qual os cidadãos, motivados pelo altruísmo, cumprem seus deveres uns para com os outros voluntariamente. A segunda forma é a versão da **solidariedade como princípio de democratização societária**, resultando de ações coletivas [...] baseia-se tanto na ajuda mútua, como na expressão reivindicativa, tangendo, ao mesmo tempo, à auto-organização e ao movimento social. [...] supõe haver uma igualdade de direitos entre as pessoas que nela se engajam (LAVILLE, 2009, p.310).⁵¹

De outra parte, Tévoédjrè (2002) assevera que é possível a articulação local entre empreendimentos solidários promotores de intercâmbios de conhecimento, e estes podem ser a maneira eficiente de proporcionar espaços cada vez mais amplos de mobilização regional para a construção de alternativas de produção (e de vida). A solidariedade é assim compreendida como fio condutor de um movimento que expressa fenômenos associativos, nos quais indivíduos sujeitos aos processos de exclusão podem, mediante uma reconfiguração de um dado quadro social, virem a estabelecerem outros lugares via experiências, projetos coletivas, como sublinha o autor:

Uma das piores desgraças do terceiro mundo é considerar a pesquisa como secundária. Ela é transcurada, deixada para os outros, para quem tem meios e “tempo a perder” nos laboratórios. Por esta razão, todas as tecnologias, na maioria destes países, são desenvolvidas a partir do exterior, e é justamente por isso que se fala de “transferência” de

⁵⁰ Grifo no texto.

⁵¹ Negritos nossos.

tecnologia. Esta tendência, que a longo prazo equivalem ao desaparecimento de toda a vontade de desenvolvimento autônomo e de independência, parece preocupar pouca gente. O desenvolvimento pertencerá também aqueles que terão pesquisado (TÉVOÉDJERÈ, 2002, p. 101).

Pesquisas científicas têm contribuído para fortalecer o processo de organização de *empreendimentos solidários* [tomados aqui de modo distanciado da compreensão neoliberal de 'empreendedorismo']. É importante destacar que a aspiração política de transformação social fortaleceu e difundiu um modelo de organização econômico-social em torno de projetos alternativos baseados em um fazer solidário. Iniciativas de organização coletiva como se configuram na Feicoop também oferecem formas alternativas no tocante às relações de trabalho, às quais se diferenciam acentuadamente dos ambientes profissionais vinculados ao sistema capitalista. Nas iniciativas da economia solidária, as partes desempenham, muitas vezes, atividades com a família, filhos e parentes como partes diretas ao processo de produção, enquanto que, ao contrário, as empresas de gestão capitalista, os laços são firmados por vínculos formais regrados por direitos e deveres comuns. Além disso, na economia capitalista, os trabalhadores estão enquadrados em uma relação que estabelece um parâmetro (custo-benefício) que atrela o desempenho individual a uma exigência crescente de produtividade.

Podemos compreender, que a Feicoop busca instaurar uma reorganização coletiva com a finalidade de fazer funcionar formas alternativas ao modo de produção econômica capitalista, tomando como premissa práticas de solidariedade e a constituição de *redes de cooperação*. Como essa questão se efetiva discursivamente é o que nos propomos a investigar.

2.3 Transformação pela Solidariedade

Ao tomarmos como elemento da constituição do discurso de/sobre solidariedade na Feicoop a missão institucional do Projeto Esperança/Cooesperança, em sua opção pelos excluídos, sua articulação com os movimentos sociais, sua postura contra o modelo econômico vigente e a favor da construção de alternativas de produção que vieram a se inserir como referências

no campo da economia solidária gaúcha e do Brasil, podemos dizer, então, que tal determinação potencializou as ações, facilitando o acesso a políticas públicas que permitiram alavancar a organização e a viabilidade econômica do projeto, entre as quais as políticas para a agroindústria familiar, para a economia popular solidária, entre outras. Tal como indicam as aspirações no livro **Transformação pela Solidariedade**:

promover, incentivar, desencadear e construir o desenvolvimento urbano, rural e regional sustentável [...] colocando a vida em primeiro lugar, com igual participação entre homens e mulheres, mediante **processos educativos, participativos e transformadores**, com o fortalecimento da agricultura familiar, agroindústria familiar, comercialização direta e incentivo à melhoria da qualidade de vida, geração de trabalho e renda, na construção de uma sociedade que, entre outras, fortaleça a prática da solidariedade e **o trabalho como valor superior ao do capital** (TÉVOÉDJERÉ, 2002, p. 03).⁵²

Tais elementos podem ser compreendidos como o âmago do preceito de Tévoédjerè: a transformação pela solidariedade – ou seja, a possibilidade de modificar uma ordem em favor de um paradigma baseado na cooperação e na solidariedade.

No que diz respeito a ações em favor de ‘uma nova/outra ordem social’, é relevante assinalar que, em janeiro de 2001, em Porto Alegre, RS, realizava-se a primeira edição do Fórum Social Mundial (FSM), sob a bandeira do enunciado: Um outro mundo é possível.

Valemo-nos da análise de Beck (2005) para uma melhor aproximação daquele evento (FSM), com o movimento em curso do Projeto Esperança/Cooesperança e os eventos da Feira do Cooperativismo (em que tanto o enunciado do FSM como suas reformulações/versões reaparecem).

De um lado, a força de aspecto homogêneo e de preponderância representada pelo capitalismo e, de outro, a aparência heterogênea, enquanto plural, dos movimentos sociais dispersos em estratégias de resistência.

Começa a se delinear a relação de oposição entre a globalização liberal e o *outro mundo possível*. Tudo isto dentro da concepção de *UM MUNDO SÓ* apenas dividido entre hemisfério sul – onde se encontra a maior parte dos países pobres e subdesenvolvidos – e hemisfério norte – onde estão os países mais ricos. Há um Primeiro Mundo e um Terceiro

⁵² Negrito nosso.

Mundo, o Segundo desapareceu. A fronteira que este antes demarcava impondo limites à globalização do capital também desapareceu. Frente a esta *realidade*, os movimentos sociais do mundo todo começam a se organizar e a articular uma alternativa ao capitalismo neoliberal, é preciso criar novas táticas e estabelecer novas estratégias (BECK, 2005, p. 31)⁵³

Conforme Beck, o Fórum Social Mundial instaurava-se, então, regido por uma Carta de Princípios como contraponto político ao Fórum Econômico Mundial – um comitê com notória visibilidade aos líderes políticos e econômicos, qualificados como a elite dirigente da globalização. Essa oposição encontra-se fortemente marcada pelo enfrentamento ao neoliberalismo, à hegemonia da lógica do capital (o lucro pelo lucro) e ao imperialismo (norte-americano).

Acrescente-se que o estudo de Beck oferece uma perspectiva na qual o ponto de partida que faz funcionar o sentido de ‘um outro mundo’ se dá a partir de uma formulação de possibilidades de trabalho social e das múltiplas atividades humanas postas em cena para a existência/significação, em uma ordem de multiplicidade.

Nesse quadro, a Feicoop, além de pôr em circulação o discurso que incentiva formas de superação/enfrentamento da exclusão premente, desperta e intensifica a iniciativa criativa em torno da construção de um projeto local com perspectiva global. Questionar-se acerca da solidariedade alternativa que se pode querer instaurar recobre uma pergunta indispensável: qual o outro mundo possível? Essa pergunta nos permite pensar, ainda inconclusamente, que o discurso que busca uma transformação, que clama por um outro mundo, possa também estar vinculado a um certo “mesmo”, entremeado à proclamação do “diferente”, conforme segue:

O mesmo também é produto da historicidade; ela aí está justamente representada pelos deslizamentos (nas relações de paráfrase) que instalam o dizer no jogo das diferentes formações discursivas, presença de uma ausência necessária, relação incontornável com a alteridade. Falamos a mesma língua, mas falamos diferente. Este deslizamento, a metáfora, própria da ordem simbólica, é o lugar da interpretação, da ideologia, da historicidade. É assim a língua pensada em sua relação com o discurso (ORLANDI, 2005, p. 24).

⁵³ Grifos do autor.

A historicidade à qual se vincula o discurso nos coloca o desafio de interpretação dos movimentos do discurso, na história, em que entram em jogo a paráfrase (o mesmo) e a polissemia (diferente), dando espaço para deslizamentos de sentidos, para a emergência de sentidos não previstos, via compreensão, via metáfora, assim como para a estagnação via repetição.

Nessa perspectiva, e para exemplificarmos nossa reflexão, tomemos o discurso a propósito do consumo consciente e solidário. Apresentamos a seguir uma ilustração (página inicial) de um dos discursos em circulação na Feicoop; trata-se de uma cartilha⁵⁴ preceituando atitudes de responsabilidade/sustentabilidade para com a vida e com o meio ambiente.



Ilustração 2 – Dia de fazer compras
Fonte: Cartilha **Outro consumo é possível**⁵⁵

⁵⁴ Esse material foi produzido pela Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas (CICAF), de Joinville-SC, Centro de Formação Urbano Rural Irmã Araújo (CEFURIA), de Curitiba-PR e Rede de Educação Cidadã (RECID), de Curitiba-PR. Vide anexo 02.

⁵⁵ CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS. *Outro Consumo é possível*, Joinville, SC: Ed. Gráfica Popular, 2009 [Cartilha].

Podemos observar, pela ilustração acima, uma compreensão de como se dão as relações entre paráfrase, polissemia e metáfora. Vejamos o enunciado:

“Eu não frequento supermercados” (Ilustração 2).

Se, por um lado, esse enunciado pode ser justificado como uma oposição ao ato de consumismo, por outro, o fato do dizer “eu não frequento supermercados” pode ser compreendido, entre tantas outras possibilidades, como uma resistência ao fato de haver filas, porque há tumulto, desperdiça tempo, não há vagas para estacionar, etc. do que a ilustração faz observar na sequência e, assim, contrapõe a rede de consumismo da qual se quer distanciar. No entanto, essa compreensão banaliza/naturaliza e enfraquece a relação ‘forte’, de embate ideológico entre ‘visões de mundo’ – consumismo *versus* economia solidária/agroecologia, que poderia ser vista como uma recusa a produtos massificados, produzidos em larga escala, industrializados e saborizados artificialmente, sugerindo uma substituição pelo consumo de produtos locais cultivados sem agrotóxicos com respeito ao meio ambiente e à saúde do produtor e do consumidor [um proceder ‘diferente’, considerado o eixo do ‘consumismo’ do qual se quer distanciar/recusar].

Dito de outro modo, o sujeito do discurso se vale de um dizer do qual quer se distanciar e ao mesmo tempo justificar sua recusa. Essa tensão entre paráfrase, polissemia e metáfora, opera-se via dizeres que se inscrevem em uma história anterior, o mesmo, e uma vez presentificados (os dizeres retornam), ressoam em outro contexto, são apropriados pelo sujeito em um dizer/fazer diferente. Exemplifiquemos a partir de “Eu não frequento supermercados”, as seguintes, entre tantas, paráfrases possíveis:

- a) Eu não consumo produtos industrializados à base de conservantes, eu prefiro produtos naturais.
- b) Eu não sou consumidor de produtos transgênicos que abundam nas redes de supermercados multinacionais.
- c) Eu frequento feiras próximas a minha casa, elas oferecem produtos naturais sem agrotóxicos, cultivados pelos próprios produtores/comerciantes.

A relação entre produção e consumo sustentáveis e do trabalho humano valorizado, além da dimensão capitalista do lucro como fim último, insere com atualidade o alerta de Tévoédjèrè, pois ele aponta que “numerosas vozes elevam-se para reclamar uma valorização mais justa do bem-estar dos homens, não apenas em termos de nível de vida, sobretudo em termos de melhores condições de vida, e em relação a uma *qualidade de vida*” (2002, p. 28).⁵⁶

Recorremos à Mariani (2001) que aborda o processo de produção do discurso da solidariedade numa filiação discursiva disseminada nos domínios de saber da religiosidade, da moral e do direito, ou seja: campanhas de caridade, de filantropia, de SOS a desabrigados, flagelados, etc. Tais campanhas fazem apelo ostensivo ao cidadão, com vistas ao engajamento de ordem financeira uma causa nobre, ou seja, nessa forma de solidariedade: “a valorização do individualismo e das responsabilidades individuais vai aumentando na mesma proporção em que se defende uma coletivização nacional, enquanto **repartição de culpas, destas mesmas responsabilidades sociais e individuais**” (MARIANI, 2001, p. 45).⁵⁷

Com base no que até aqui abordamos, temos que os movimentos entre as permanências e os deslizamentos, seus possíveis deslocamentos instalam mudanças no discurso sobre a solidariedade, ou seja, há uma ressignificação nas mesmas palavras que ganham outra ordem, outro sentido, sucedem a pontos de deriva possíveis oferecendo lugar a interpretação. É bem-vinda a interrogação: o que há de novo? Não se trata de analisarmos as mesmas palavras, mas sim o efeito que elas produzem e o sujeito, ao interpretar conforme a sua experiência vivida, conforme suas filiações históricas, reorganiza a memória (*discurso de*) e se constitui em relações sociais que qualifica como diferente (deslocamento) em redes de significantes que lhe permite afirmar o outro, alcançar um lugar outro.

⁵⁶ Grifos no texto.

⁵⁷ Negrito nosso.

CAPÍTULO 3

REPETIÇÕES E DIFERENÇAS EM UM DISCURSO SOBRE SOLIDARIEDADE

3. Ressituando o lugar do discurso

Ao situarmos outra vez o lugar do discurso, trabalhamos com a possibilidade do 'mesmo' como discursivização do 'diferente'. Com base nos princípios que fundamentam a constituição/formulação do discurso sobre solidariedade articulado na Feicoop⁵⁸, podemos dizer que por meio dela são colocados em movimento sentidos de exclusão/inclusão, na medida em que visa a construir modos alternativos de vida sustentável, participativa e cooperativa como meio de existência frente a alguns dos efeitos humanos e econômicos da globalização.

No tocante a essa peculiaridade, cabe indagar, por exemplo:

De que maneira, no interior dessa megamáquina de produção de subjetividade, surgem novas modalidades de se agregar, de trabalhar, de criar sentido, de inventar dispositivos de valorização e de autovalorização. Num capitalismo conexcionista, que funciona na base de projetos em rede, **como se viabilizam outras redes que não são as comandadas pelo capital, redes autônomas, que eventualmente se cruzam, se deslocam, infletem ou rivalizam com as redes dominantes?** (PÁL PELBART, 2003, p. 21).⁵⁹

⁵⁸ Conforme abordamos no capítulo 2 deste trabalho.

⁵⁹ Grifos nossos.

Nesse contexto, em estudo recente, Orlandi (2007b) atenta para alguns dos efeitos da ideologia da mundialização, entre os quais coloca em circulação, por exemplo, o discurso da inclusão. Importa que não nos posicionemos em discursos como esse, ou seja, no discurso que “visa transformar o dominado, o excluído, para adequá-lo às formas dominantes seja da cultura, seja do conhecimento, seja da classe social, nem tampouco o que pretende inserir o não inserido, ou integrar o não-integrado” (ORLANDI, 2007b, p. 05).

Em relação ao sujeito na contemporaneidade, Orlandi (2007b) faz uma reflexão em torno da relação entre indivíduo e sociedade, com vistas a compreender os movimentos sociais urbanos e suas características sócio-histórico-ideológicas. Situa a conjuntura social e histórica de sua análise, de um lado, na expectativa de uma democracia planetária ilusória e, de outro, na prática de uma real economia ditatorial, consideradas em um cenário de mundo globalizado e inter-relacionado por tecnologias de linguagem que massivamente fazem circular versões unilaterais sobre acontecimentos. Para Orlandi (2007b, p. 4), a ideologia da mundialização pode ser compreendida da seguinte maneira:

A mundialização é um processo geo-histórico de extensão progressiva do capitalismo em escala planetária e que é ao mesmo tempo uma ideologia (o liberalismo), uma moeda (o dólar), um instrumento (o capitalismo), um sistema político (a democracia), uma língua (o inglês). A mundialização tal como a conhecemos hoje data de um século e meio e seu processo não é linear. Vem desde o fim da Guerra Fria, da era da comunicação “sem limite”⁶⁰, fim da URSS e desemboca no mito da Democracia. Alguns fatos concorrem para isto: os movimentos migratórios e a mobilidade populacional. Estes, por sua vez, não são um fato sem polêmica: muitas vezes são mais sugeridos que existentes. Isso nos leva a concluir que são espaços idealmente abertos, mas concretamente fechados, materializando as novas divisões: Norte/Sul; Oriente/Ocidente. A mundialização é mais falada que praticada. Mas nem por isso deixa de ter seus efeitos. Como sabemos o imaginário tem fortes conseqüências sobre o real.

A autora (2007b) busca compreender como o capitalismo mantém o domínio ideológico apesar dos deslocamentos nas práticas e relações de poder que estabelece. Para tanto, procura marcar a posição de seu empreendimento teórico-analítico de forma a não reproduzir o discurso da inclusão, aquele em que formas de integração ou mesmo de transformação do excluído para adequá-lo às formas dominantes seja no âmbito da cultura, da classe social, do conhecimento,

⁶⁰ Grifo da autora.

isto é, fala-se do lugar do capitalismo, enquanto que, o que interessa, de fato, é pensar os sentidos da dominação e da resistência nessa relação inclusão/exclusão.

Em outras palavras, as questões que se apresentam não são poucas, para compreendermos como os sujeitos podem se situar/se significar em uma sociedade desigual, característica do capitalismo.

Nesse contexto, é importante salientar que o sujeito é interpelado pela ideologia, o que resulta em sua forma sujeito histórica (cf. Pêcheux, 2008), ou seja, o sujeito do capitalismo, conforme Orlandi (2005a). Em relação a interpelação do sujeito da contemporaneidade,

faz intervir o direito, a lógica, a identificação. Nela não há separação entre exterioridade e interioridade, ainda que, para o sujeito, essa separação continue a ser uma evidência sobre a qual ele constrói, duplamente sua ilusão: a de que ele é origem de seu dizer (logo ele diz o que quer) e a da literalidade (aquilo que ele diz só pode ser aquilo) como se houvesse uma relação termo a termo entre linguagem/pensamento/mundo. A compreensão dessa articulação de noções mostra a maneira como a subjetividade leva ao equívoco da impressão idealista da origem em si mesmo do sujeito. Sujeito ao mesmo tempo livre e responsável, determinador e determinado. Essa ilusão se assenta a meu ver no des-conhecimento de um duplo movimento na compreensão da constituição do sujeito (ORLANDI, 2005a, p. 2).

O imaginário capitalista, que ostenta entre seus postulados a máxima de que só os mais capazes são os vencedores, coloca em movimento processos de significação estabilizados ideologicamente, sob a forma de um:

consenso imaginário, constituído no jogo do jurídico – que estabelece as bases da estrutura e funcionamento do capitalismo – e o administrativo, que se sustenta nas formas materiais da mundialização com suas práticas assistencialistas, multiculturais e comunitaristas (ORLANDI, 2007b, p.5).

A autora entende que, no cenário mundializado, não há uma divisão em posições estanques, “de um lado o sistema capitalista e, de outro, agentes/sujeitos/posições sujeito inertes” (Idem, p. 5); para ela, tanto estes, como aqueles estão em movimento e se transformam.⁶¹

⁶¹ O lema do Projeto Esperança que realiza a Feira do Cooperativismo é “A transformação pela solidariedade”, enunciado recorte que compõe o corpus da análise desta dissertação.

Em relação ao cenário brasileiro, Orlandi (2007b) refere-se às incontáveis teorias que defendem o esgotamento do Estado enquanto articulador simbólico e o declínio de seu aparato burocrático e administrativo a uma condição de coadjuvante em relação ao Mercado. Entretanto, ao analisar a questão desse dito esvanecimento, mesmo reconhecendo a força e a dominância que exerce a instituição Mercado, Orlandi (2007b, p.12) destaca que:

quando pensamos o Brasil, não diríamos que o Estado já não exerce sua função de articulador simbólico. Penso que temos de conviver com a ambigüidade produzida pela existência de sociedades de mercado e com a nossa, em que o Estado tem seu funcionamento justamente regido por sua falta e afetado pelas sociedades de mercado. Ou seja, é em sua falta que o Estado existe e exerce seu poder articulador do simbólico com o político. Assim é que, nossa posição é de que temos de compreender os novos termos de dominação, através da compreensão de como se confrontam o simbólico com o político, nestes termos.

A ambigüidade entre sociedade de mercado e atuação do Estado é ditada pela própria falta do Estado, ou seja, outros movimentos vão sendo articulados na consecução de espaços sociais, preenchendo as brechas no emaranhado burocrático de demandas crescentes em face da ausência/falta do Estado. Como implicação social desse processo de falta, se estabelece um jogo simbólico no qual se insurgem sujeitos, ao passo que a “materialidade dos lugares dispõe a vida dos sujeitos e, ao mesmo tempo, a resistência desses sujeitos constitui outras posições que vão materializar novos (outros) lugares” (ORLANDI, 2008, p.103).

3.1 Constituição do corpus e metodologia

Situando o discurso sobre a solidariedade na Feicoop na conjuntura supramencionada, o corpus deste estudo é constituído por materialidades que põem em movimento um *discurso sobre solidariedade* que se formula por meio de práticas discursivas vinculadas ao Projeto Esperança/Cooesperança, a partir de um lugar de observação que é a Feicoop. Dessa forma, compõem o corpus deste trabalho, os seguintes materiais, divididos em três grupos:

G1 – os cartazes, especialmente os enunciados deles constantes, das 15 edições da Feicoop, compreendendo os anos de 1994 a 2008, divulgados na

*Revista do Histórico dos 15 Anos da Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendiz e Ensinante (R15)*⁶²;

G2 – materiais em circulação na Feira e/ou veiculados na internet no site da Feicoop, tais como, cartilhas, folders, boletins, livretos;

G3 – imagens fotográficas coletadas na 15ª edição da Feira (2008).

Destacamos que o foco de nossa atenção centra-se no G1, de modo que os elementos dos G2 e G3 são aqueles que nos possibilitam estabelecer relações, esboçar as condições de produção (CP) *do discurso sobre a solidariedade na Feicoop*, a fim de se poder analisá-lo respeitante à historicidade que recobre, uma vez que:

As condições de produção incluem pois os sujeitos e a situação. A situação por sua vez, pode ser pensada em seu sentido estrito e em sentido lato. Em sentido estrito ela compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer, o contexto imediato. No sentido lato, a situação compreende o contexto sócio-histórico, ideológico, mais amplo (ORLANDI, 2006a, p. 15).

Sublinhamos que a memória discursiva, o interdiscurso, faz parte das CP como espaço de interpretação em uma relação determinada historicamente pela exterioridade, ou seja, o sujeito é interpretado pela história em uma filiação de sentidos que constituem uma rede de interpretações possíveis.

O conjunto de materialidades selecionadas para análise orienta-se pelo princípio (cf. ORLANDI, 2003) de que a delimitação do corpus **não segue critérios empíricos**, mas teóricos. Portanto, não se visa à exaustividade horizontal (extensão, completude em relação ao objeto), mas àquela de ordem

⁶² Em 2009, sob os slogans: “O maior evento de Economia Solidária da América Latina”, “Do mundo para Santa Maria, de Santa Maria para o mundo” e “Economia Solidária – Outra Economia acontece”, a 16ª edição da Feicoop e 5ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL foram suspensas por determinação legal, atendendo à Ação Civil do Ministério Público, em virtude de uma virose, à época chamada de Gripe A e possíveis riscos de infecção em ambientes de aglomerações. Compreendeu-se que a vinda de comitivas de países como Argentina e Chile, onde havia casos confirmados de mortes pela doença, colocaria o evento como uma ameaça à saúde pública (Cf. <http://zerohora.clicrbs.com.br/zerohora/jsp/default.jsp?uf=1&local=1&newsID=a2572600.xml&channel=13&tipo=1§ion=Geral>. Acesso em 08 de julho de 2009). Após a suspensão de 2009, o evento retornou em 2010, com a realização da 17ª Feicoop e 6ª Feira de Economia Solidária do MERCOSUL, mantendo os mesmos slogans: O “maior evento de Economia Solidária da América Latina”, “Do mundo para Santa Maria, de Santa Maria para o mundo” e “Economia Solidária – Outra Economia acontece”.

vertical, que diz respeito aos objetivos da análise e da temática, uma vez que tratamos de fatos de linguagem, e não de dados empíricos.

Os fatos de linguagem, ou seja, a língua exposta à historicidade permite com que se compreenda/analise o processo discursivo que se dá por meio de encadeamentos, relações. Dessa forma, para a autora:

Atualmente, considera-se que a melhor maneira de atender à questão da constituição do corpus é construir montagens discursivas que obedecem critérios que decorrem de princípios teóricos da análise de discurso, face aos objetivos da análise, e que permitam chegar à sua compreensão. Esses objetivos, em consonância com o método e os procedimentos, não visam à demonstração, mas a mostrar como um discurso funciona produzindo (efeitos de) sentidos (ORLANDI, 2003, p. 63).

A escolha do corpus justifica-se mediante o fato de que, face ao objetivo de analisarmos o *discurso sobre* a solidariedade na Feicoop, consideramos o G1 - os cartazes das 15 edições da Feira (1994 a 2008) como equivalente ao 'arranjo simbólico' (MEDEIROS, 2010) e, por ele, perscrutamos os vestígios linguístico-discursivos que embasam nossa conclusão.

Para Medeiros (2010), o arranjo simbólico é um conceito teórico-metodológico singular na produção discursiva, visto que faz funcionar um processo que considera a heterogeneidade de sentidos possíveis e a formação ideológica em diferentes materialidades e temáticas sociais por meio de redes parafrásticas que retomam sentidos em uma repetição sustentada no saber já interdiscursivizado. Para a autora, a linguagem, em publicações de mídia impressa, é arranjada; um arranjo que não se limita a uma ordem material de forma, cor e conteúdo distribuídos em maior ou menor destaque na textualidade.

Ainda, "o arranjo simbólico traz em sua textualidade elementos tomados em um imaginário já instituído e que faz o discurso funcionar (fazer sentido) em suas diferentes textualidades" (MEDEIROS, 2010, p. 108). A autora sustenta que o encadeamento de três processos - constituição – formulação – circulação – é decisivo na concepção de arranjo simbólico. Esse funcionamento simultâneo "dá corpo ao arranjo simbólico, em seu manuseio cotidiano, e que sustentam a (re)produção de sentidos em um contínuo movimento discursivo" (Idem, p. 109). Dessa forma, entender como a discursividade funciona como arranjo simbólico é determinante para a compreensão da produção de efeitos de sentido.

Além disso, nossa escolha metodológica recai sobre a palavra solidariedade, como materialidade central para analisar o discurso que se formula em torno dela. Assim, a metodologia deste estudo consiste nos seguintes passos:

- levantamento das CP do discurso (capítulo 2);
- circunscrição dos elementos teóricos que balizam a análise – paráfrase, polissemia, metáfora, efeito metafórico, conjugados aos conceitos de *discurso sobre* e *discurso de* (capítulo 1);
- levantamento dos enunciados centrais nos 15 cartazes;
- análise das recorrências nos cartazes, com base na historicidade do discurso (CP), tendo como enunciado-chave *A transformação pela solidariedade*;
- análise das permanências e deslocamentos para a palavra solidariedade, segundo a noção de efeito metafórico;
- análise de como as repetibilidades e deslocamentos trabalham para a formulação de um discurso sobre solidariedade.

Sobretudo, no procedimento analítico, adotamos a premissa de que:

O objetivo da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto. Em outras palavras, sua finalidade é explicitar como um texto produz sentido. Em seu trabalho, o analista de discurso deve mostrar os mecanismos dos processos de significação. Há necessidade, na análise de discurso, de uma passagem da noção de “função” à de “funcionamento” (sendo que esta nos permite encontrar as regularidades) e da construção de **um dispositivo analítico baseado na noção de efeito metafórico** (ORLANDI, 2005, p. 23).⁶³

Com base nos pressupostos que abordamos nos capítulos 1 e 2, especialmente a partir das noções de paráfrase, polissemia, metáfora/efeito metafórico na relação com o discurso sobre solidariedade, ou seja, em como essa palavra se movimenta nas materialidades, analisamos os enunciados constitutivos dos cartazes das respectivas 15 edições da Feicoop, desde 1994 a 2008, divulgados na **Revista do Histórico dos 15 Anos da Feira de Santa Maria: Uma Experiência Aprendiz e Ensinante** (doravante R15).

Partimos da premissa de que a Feicoop agrega saberes em torno da solidariedade que podem ser tomados como conjunto de práticas que compõem

⁶³ Grifos nossos.

uma 'gramática'⁶⁴, um modo de ser, estar, agir no mundo colocado em funcionamento por meio da circulação de panfletos, jornais, músicas, realização de oficinas, projetos agregados, que estabelecem redes sociais.

3.2 Repetições na história

Para visualizarmos as permanências, as repetições, assim como os possíveis deslocamentos na discursivização de solidariedade na Feicoop, elaboramos um quadro cronológico com os títulos dos 15 cartazes a serem analisados e os enunciados que aparecem em destaque. Em realce amarelo estão os dizeres ligados à 'solidariedade' e em verde, aqueles que remetem a cooperativismo, palavra que nomeia a feira e que nos serve de aporte inicial de análise, em azul e entre colchetes, notas do pesquisador.

Cronologia da FEICOOP - 1994 a 2008 Nomes da Feira e elementos centrais nos cartazes	
1994	1ª Feira do Cooperativismo Projetos Comunitário: Mais qualidade de vida
1995	2ª Feira do Cooperativismo Projetos Comunitário: Mais qualidade de vida
1996	III Feira do Cooperativismo Projetos Comunitário: Mais qualidade de vida
1997	"A TRANSFORMAÇÃO PELA SOLIDARIEDADE" <i>[Logo do Projeto Esperança Cooperança – central, no topo]</i> 4ª Feira do Cooperativismo Projeto Esperança Há 10 anos construindo o Associativismo, Trabalho a Solidariedade e a Cidadania
1998	"A TRANSFORMAÇÃO PELA SOLIDARIEDADE" <i>[Logo do Projeto Esperança Cooperança – central, no topo]</i> 5ª Feira do Cooperativismo Há 11 anos construindo o Associativismo, Trabalho a Solidariedade e a Cidadania
1999	6ª FEIRA ESTADUAL DO COOPERATIVISMO ALTERNATIVO – RS

⁶⁴ Metáfora para correlacionar ao objetivo de padronizar, homogeneizar procedimentos ao molde de uma gramática que organiza e disciplina o uso/funcionamento da língua.

	<p>"A TRANSFORMAÇÃO PELA SOLIDARIEDADE" <i>[Logo do Projeto Esperança Cooperança – central, no topo]</i></p> <p>- O MAIOR EVENTO DO COOPERATIVISMO ALTERNATIVO DO RIO GRANDE DO SUL</p> <p>Palestra e Debate (...) sobre ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA, LEGISLAÇÃO E TRIBUTAÇÃO.</p>
2000	<p>7ª Feira Estadual do COOPERATIVISMO ALTERNATIVO</p> <p>1º Acampamento da socioeconomia solidária de Santa Maria [logo]</p> <p>"A transformação pela solidariedade" <i>[Logo do Projeto Esperança Cooperança – na direita, ao alto, pequeno]</i></p> <p>- AGRICULTURA FAMILIAR - "O maior evento de cooperativismo Alternativo do RS"</p>
2001	<p>8ª Feira Estadual Do Cooperativismo</p> <p>1ª Mostra Nacional de Economia Popular Solidária</p> <p>1ª Mostra Regional da Biodiversidade</p> <p>4º Encontro Estadual dos trabalhadores(as) de Autogestão</p> <p>- "O maior evento do Cooperativismo Alternativo do RS"</p> <p>"A transformação pela solidariedade" <i>[Logo do Projeto Esperança Cooperança – dentro do logo Teia Esperança – muito pequeno, na esquerda e ao pé do cartaz]</i></p>
2002	<p>9ª FEIRA ESTADUAL DO COOPERATIVISMO</p> <p>1ª Feira Nacional de Economia Popular Solidária</p> <p>2ª Mostra Estadual da Biodiversidade</p> <p>- "O maior evento do Cooperativismo Alternativo do RS"</p> <p>- OP (Orçamento Participativo) Santa Maria não espera as soluções caírem do céu.</p> <p>- Passe Livre do Cooperativismo</p> <p>"A transformação pela solidariedade" <i>[Logo do Projeto Esperança Cooperança – pequeno, na esquerda, ao pé do cartaz]</i></p>
2003	<p>10ª FEIRA ESTADUAL DO COOPERATIVISMO</p> <p>2ª Feira Nacional de Economia Popular Solidária</p> <p>3ª Mostra Estadual da Biodiversidade</p> <p>2º Encontro Estadual do Mutirão Nacional da Erradicação da Fome e da Miséria e do Projeto "Brasil Fome Zero"</p> <p>- "O MAIOR EVENTO DO COOPERATIVISMO ALTERNATIVO DO RIO GRANDE DO SUL"</p> <p>- Mutirão Nacional "Fome Zero" e as Alternativas de Trabalho</p> <p>- Sementes patrimônio da humanidade</p> <p>"A transformação pela solidariedade" <i>[Logo Projeto Esperança Cooperança – dentro do logo Teia Esperança, sem o enunciado "A</i></p>

	<i>transformação pela solidariedade” que vinha no topo, posição central, parte de uma rede]</i>
2004	<p>11ª FEIRA ESTADUAL DO COOPERATIVISMO 3ª Feira Nacional de EPS (Economia Popular Solidária) 4ª Mostra Regional da Biodiversidade Seminário Nacional de EPS e as Políticas Públicas para o Brasil</p> <p>- O MAIOR EVENTO DO COOPERATIVISMO POPULAR DO RS E DO BRASIL</p>
2005	<p>12ª FEICOOP <i>[a partir desta ed. o logo do Projeto Esperança Cooesperança, sem o enunciado “A transformação pela solidariedade” que vinha no topo, passa a preencher o 1º ‘o’ de Feicoop, e o logo Teia Esperança preenche o 2º ‘o’]</i></p> <p>Feira Estadual do Cooperativismo 1ª FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL 4ª Feira Nacional de Economia Solidária 5ª Mostra da Biodiversidade</p> <p>- UMA OUTRA ECONOMIA ACONTECE</p> <p>- O Maior Evento do Cooperativismo Popular do RS e do Brasil</p>
2006	<p>13ª FEICOOP Feira Estadual do Cooperativismo 2ª FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL 5ª Feira Nacional de Economia Solidária 6ª Mostra da Biodiversidade</p> <p>- O Maior Evento do Cooperativismo Popular do RS e do Brasil - “UMA OUTRA ECONOMIA ACONTECE”</p>
2007	<p>O Maior Evento do Cooperativismo Popular do Brasil e do Mercosul</p> <p>3ª FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL 14ª FEICOOP - Feira Estadual do Cooperativismo 6ª Feira Nacional de Economia Solidária 7ª Mostra da Biodiversidade e Feira da Agricultura Familiar 1º Seminário Latino Americano de Economia Solidária</p> <p>- UM OUTRO MUNDO É POSSÍVEL - “UMA OUTRA ECONOMIA ACONTECE”</p>
2008	<p>ECONOMIA SOLIDÁRIA – OUTRA ECONOMIA ACONTECE</p> <p>4ª FEIRA DE ECONOMIA SOLIDÁRIA DO MERCOSUL 15ª FEICOOP - Feira Estadual do Cooperativismo 7ª Feira Nacional de Economia Solidária 8ª Mostra da Biodiversidade e Agricultura Familiar 4º Seminário Latino Americano de Economia Solidária Mini-Fórum Social de Economia Solidária</p> <p>- 15 anos – DE SANTA MARIA PARA O MUNDO</p>
Quadro 1 - Cronologia das Feiras e Recortes	

Com base no quadro 01, observamos que, inicialmente, (nos cartazes de 1994, 1995 e 1996) o nome Feira do Cooperativismo não explicita qual o modelo a ser desenvolvido, se um cooperativismo de natureza econômica, social ou cultural, ante a diversidade de empreendimentos possíveis por meio do princípio de organização associativa. É sabido, por exemplo, que a região de Santa Maria tem registros históricos de funcionamento de práticas cooperativas datadas de mais de cem anos, notadamente aquelas que se vinculam ao movimento ferroviário.

A partir da denominação Feira do Cooperativismo (sua centralidade nos cartazes, disposta em recortes no quadro 01 e a respectiva discursivização enquanto modelo econômico), e de E1, expresso nos cartazes das três primeiras edições (il. 3 a il. 5)⁶⁵, buscamos analisar o movimento que essa nomeação vai recebendo e que efeitos acarreta.

E1 *Projetos Comunitário: Mais qualidade de vida* (1ª, 2ª e 3ª eds., 1994 a 1996 – il. 3 a il. 5).



**"A TRANSFORMAÇÃO
PELA SOLIDARIEDADE"**

Ilustração 3 - Cartaz da 1ª
Feicoop, 1994 – il. 3



**"SER SOLIDÁRIO É SER HUMANO
E SER HUMANO É SER
SOLIDÁRIO"**

Ilustração 4 - Cartaz da 2ª
Feicoop, 1995 – il. 4



**"TUDO QUE NASCE PEQUENO VIRA
PROCESSO, TUDO QUE
NASCE GRANDE VIRA MONSTRO"**

Ilustração 5 - Cartaz da 3ª
Feicoop, 1996 – il. 5

⁶⁵ il. = ilustração.

Em relação à sucessão de imagens, o jogo de permanências e modificações pode ser observado do seguinte modo: nas il. 3 a il. 5, a união (cooperativismo) é representada por um desenho manual em preto e branco que expressa um aperto de mãos (comprometimento mútuo) sobre o plano de fundo de um sol nascente.

Abaixo da imagem do aperto de mãos, também com o desenho traçado em linha pura, sem sombreamentos, três elementos estão perfilados, supõe-se: pão, queijo e vinho. Estes podem ser considerados como historicamente produtos característicos do trabalho artesanal de pequenos produtores rurais que então integravam o Feirão Colonial, a organização coletiva que antecedeu a Feicoop (cf. abordamos no capítulo 2).

No entanto, o pão e o vinho também podem ser entendidos como o discurso de, no qual elementos de ordem religiosa, o corpo e o sangue de Cristo, remontam a um dizer anterior, calcado em uma memória cristã, e, por conseguinte, aos princípios constitutivos do Projeto Esperança – organização da Diocese de Santa Maria, conforme abordamos no capítulo 2, deste trabalho. Este nos parece ser um forte indício de que o *discurso sobre* solidariedade está vinculado a um discurso cristão, que faz circular dizeres fraternos, caritativos a propósito das relações terreno-transcendentais, que encontram ressonâncias no discurso bíblico.⁶⁶

Por outro lado, a partir de 1997 (4ª Feicoop), a arte manual, composta pelos desenhos do aperto de mãos e do pão, queijo e vinho, é substituída pela inserção do símbolo do Projeto Esperança/Coesperança, o que o apresenta como instituição promotora da Feicoop. Pode-se perceber que a substituição dos elementos (pão e vinho/ corpo e sangue) parece querer levar, neste segundo momento, a uma tentativa de atenuação da presença da instituição igreja católica,

⁶⁶ Exemplos: “... para te dar a entender que **o homem não viverá só de pão**, mas que de tudo o que sai da boca do SENHOR viverá o homem”. Deut. 8:3.

“**No suor do teu rosto, comerás o teu pão**, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; porquanto és pó e em pó te tornarás”. Gen. 3:19.

“E Jesus lhes disse: Eu sou o **pão da vida**; aquele que vem a mim não terá fome; e quem crê em mim nunca terá sede”. João 6:35.

“Enquanto comiam, Jesus tomou o pão, e, abençoando-o, o partiu, e o deu aos discípulos, e disse: **Tomai, comei; isto é o meu corpo**. E, tomando o cálice e dando graças, deu-lho, dizendo: **Bebei dele todos. Porque isto é o meu sangue**, o sangue do Novo Testamento, que é derramado por muitos, para remissão de pecados”. Mateus 26: 26-28. Bíblia de Estudo Pentecostal, 1995.

mediante a transição de um discurso libertário-religioso em favor de um agir socioeconômico, representado pelas designações **associativismo, trabalho, solidariedade e cidadania** (destacadas em il. 10 e il. 11; presentes em E2 e E3, todos apresentados na sequência deste texto).

Entretanto, ao invés de haver um apagamento dos sentidos de religiosidade, o que se pode perceber é um deslocamento, já que a delimitação, 'Projeto Esperança. Há 10 anos construindo o associativismo, trabalho, solidariedade e cidadania' (E2), rememora, enquanto *discurso de*, faz ressoar o idealismo precursor, assentado na liderança religiosa do Bispo Diocesano de Santa Maria (RS), Dom José Ivo Lorscheiter (cf. abordamos no capítulo 2).

Um deslocamento que também pode ser verificado na composição gráfica do símbolo do Projeto Esperança/Cooesperança. Em círculo, figura geométrica que significa processo contínuo, sem começo nem fim, pressupõe, em certa medida, uma posição de equivalência ao global, uma contra-ordem à mundialização. No interior desse círculo, agrega-se à imagem inicial do aperto de mãos o emblema internacional do cooperativismo (dois pinheiros verdes sobre um círculo em fundo amarelo)⁶⁷, tendo no centro a inscrição Santa Maria – RS e, ainda, rente a linha circular, a denominação que faz representar o Projeto Esperança Cooesperança pelo viés da memória, dos elementos que retornam e que funcionam discursivamente em um lugar determinado pelo enunciado motriz de nossa reflexão: A TRANSFORMAÇÃO PELA SOLIDARIEDADE.

⁶⁷ Ver exemplos em: <http://www.cooperalianca.com.br/cooperativismo/simbolos>; <http://www.coopera.com.br/paginas/cooperativa/cooperativismo>; <http://www.coonpetro.com.br/simbolos.htm>; <http://www.cbtacoop.com.br/emblema.htm>.



Ilustração 6 - Símbolo do Projeto Esperança/Cooperança
Fonte: Recorte dos cartazes em R15 – il. 6

O Enunciado (ESol) em que balizamos nosso estudo é, portanto, o seguinte:

ESol - A transformação pela solidariedade.

Em relação a esse enunciado central, a palavra **solidariedade**, que nele consta, guiará nossa análise, com o propósito de observarmos possíveis derivas de sentido, na relação com o funcionamento de um *discurso sobre solidariedade*.

Importa destacar que esse enunciado contempla uma memória histórica que se constitui em relação às condições de produção. Essa formulação, contida no livro do autor africano Albert Tévoédjrè, **A Pobreza, riqueza dos povos. A transformação pela solidariedade**⁶⁸ está inscrita no interdiscurso e faz significar a organização e fundação de um modelo econômico que se apresenta como alternativo a uma ordem estabilizada, conforme apontamos no capítulo 2.

⁶⁸ ... foi justamente essa aproximação que deu lugar, no início da década de 80, aos primeiros “grupos de estudos”, no qual se juntavam professores da área do cooperativismo e das ciências sociais da UFSM, militantes da igreja e técnicos da EMATER, para **realizar uma reflexão conjunta na busca de alternativas ao modelo de desenvolvimento**. Discutiam-se uma série de idéias que seriam a base do que depois veio a ser o Projeto Esperança [...] **A motivação para esses estudos veio do livro A pobreza, riqueza dos povos, de Albert Tévoédjrè...** (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 36). Aspas no texto, negritos nossos.

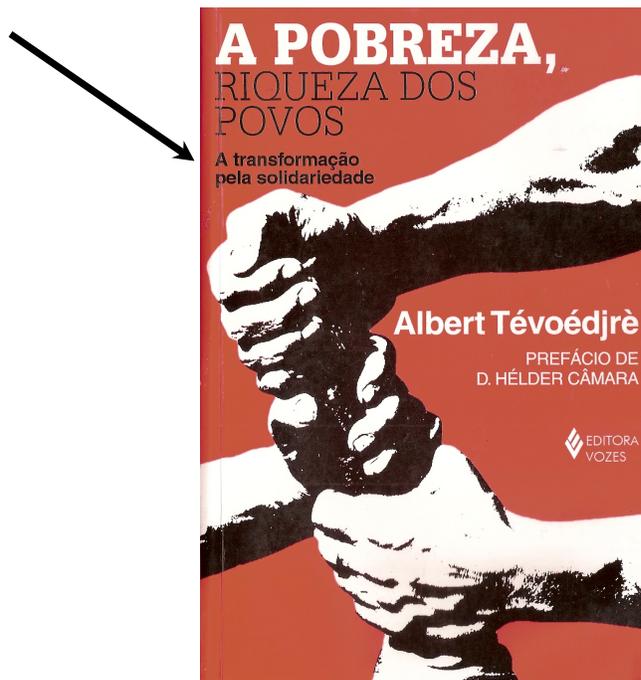


Ilustração 7 - Capa do livro *A Pobreza, riqueza dos povos. A transformação pela solidariedade*. Terceira edição, Ed. Vozes, 2002. Título do original: *La Pauvreté, richesse des peuples*. Paris, 1978. – il. 7

ESol vai figurar nos cartazes a partir de 1997, na quarta edição da feira, conforme demonstram as ilustrações 8 e 9, a seguir. Além disso, “solidariedade” figura também em enunciado central (E2, em seguida), nesse cartaz.



4ª Feira do Cooperativismo

Projeto Esperança
Há 10 anos construindo o
Associativismo, Trabalho a
Solidariedade e a Cidadania

Dias: 1 e 2 de julho de 1997

Local: Rua Heitor Campos, s/n
Fundos do Santuário da Medianeira,
ao lado do Colégio Irmão José Otão
Fone: 222.6152



Ilustração 8 - Cartaz da 4ª Feicoop, 1997 – il. 8

Ilustração 9 - ESol em detalhe – il. 9

ESol, colocado no topo do logo do Projeto Esperança Coesperança, tem centralidade de 1997 a 1999. Entre 2000 e 2002, o logo perde a centralidade (tamanho e destaque), até figurar sem o enunciado, a partir de 2003, conforme salientamos no quadro 01.

A partir de 1997, **solidariedade começa a figurar nos cartazes** (vide quadro 01), tanto no logo (il. 9), como também na forma dos enunciados E2 e E3 (em il. 10 e il. 11).

E2 Há 10 anos construindo o **associativismo**, o **trabalho**, a **SOLIDARIEDADE** e a **cidadania** (1997, 4ª ed. – il. 10).

E3 Há 11 anos construindo o **associativismo**, o **trabalho**, a **SOLIDARIEDADE** e a **cidadania** (1998, 5ª ed. – il. 11).



4ª Feira do Cooperativismo

Projeto Esperança
Há 10 anos construindo o
Associativismo, Trabalho a
Solidariedade e a Cidadania

Dias: 1 e 2 de julho de 1997

Local: Rua Heitor Campos, s/n
Fundos do Santuário da Medianeira,
ao lado do Colégio Irmão José Otão
Fone: 222.6152



5ª Feira do Cooperativismo

Há 11 anos construindo o
Associativismo, Trabalho a
Solidariedade e a Cidadania

Dias:

4 e 5 de julho de 1998

Local: Rua Heitor Campos, s/n
Fundos do Santuário da Medianeira,
ao lado do Colégio Irmão José Otão
Fone: 222.6152

Ilustração 10 - Cartaz da 4ª Feicoop a, 1997 – il. 10

Ilustração 11 - Cartaz da 5ª Feicoop, 1998 – il. 11

Desde sua aparição, em 1997, 'solidariedade' vai se movimentando nesse discurso. Outros nomes vão sendo agregados à palavra e de uma nomeação ela passa à predicação de um processo – de **solidariedade** para **Economia Popular Solidária** (EPS), além de se tornar 'outra' [economia]. Desenvolveremos essa reflexão no subitem 'derivas de sentido', na sequência deste texto.

Para mais, a dimensão de abrangência da Feicoop vai sendo ampliada ano a ano. O cooperativismo, a partir de 1999, torna-se 'alternativo' e de âmbito regional (RS), conforme se pode observar em E4 e nas il. 12 a il. 14.

E4 - O maior evento do **cooperativismo alternativo** do RS. (1999 a 2001 - 6ª, 7ª, 8ª eds. – il. 12 a il. 14).

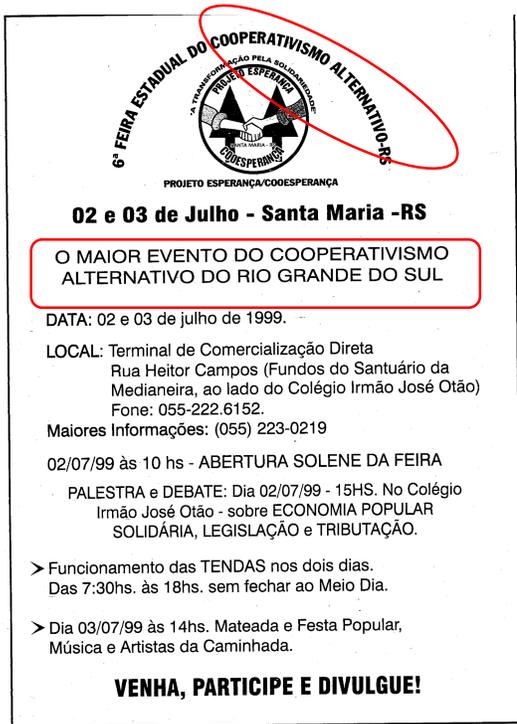


Ilustração 12 - Cartaz da 6ª Feicoop, 1999 – il. 12



Ilustração 13 - Cartaz da 7ª Feicoop, 2000 - il. 13



Ilustração 14 - Cartaz da 8ª Feicoop, 2001 – il. 14

Pela sucessão de repetições, uma memória para a Feicoop vai sendo instaurada, esta que a afirma e a qualifica (maior/alternativo) como o **maior evento do cooperativismo alternativo** do RS.

Conforme já adiantamos no quadro 1, a palavra cooperativismo se mantém desde a primeira edição da feira, em 1994, até a edição por nós analisada, a de 2008, ainda que nesse trajeto os sentidos de popular e de alternativo a ela tenham sido agregados, o que detalharemos no quadro 2, a seguir.

3.3 Derivas de sentido

Com base no que até aqui precedeu, em especial, nos recortes que compõem o quadro 1, elaboramos, à guisa de conclusão de nossa reflexão, os quadros 2 e 3, focando-nos nos dizeres sobre cooperativismo e solidariedade:

Permanências e deslizes de sentido - COOPERATIVISMO⁶⁹

1994 a 1996	Cooperativismo A	
1997 - 1998	Cooperativismo A	Associativismo B
1999 - 2000		Cooperativismo Alternativo A C
2001 a 2003	Cooperativismo A	Cooperativismo Alternativo (do RS) A C
2004 a 2006	Cooperativismo A	Cooperativismo Popular (do RS e do Brasil) A D
2007	Cooperativismo A	Cooperativismo Popular (do Brasil e do Mercosul) A D
2008	Cooperativismo A	
Quadro 2 - Cooperativismo		

Como pudemos observar no quadro 2, o cooperativismo que dá nome à Feicoop (Feira do *Cooperativismo*) vai sendo qualificado ano após ano, sem que a palavra deixe de ser empregada. Os deslizamentos de sentido que se efetivam por meio de adjetivação somam atributos à palavra, determinando-a,

⁶⁹ Remetemos este quadro ao abordado no item 1.4.2 Paráfrase, polissemia e metáfora, mais especificamente, à ilustração 1 – efeito metafórico.

especificando-a, historicizando-a, com referência aos princípios que orientam o discurso sobre a solidariedade na Feicoop.

É necessário destacarmos os sentidos que alternativo e popular acarretam para cooperativismo, cf. quadro 2.

No contexto de organização coletiva no qual a Cáritas Brasileira atua, aliada ao Projeto Esperança Coesperança, se faz uma leitura de que a globalização expandiu significativamente a contradição capital-trabalho. Uma expansão caracterizada fortemente por consequências como a exclusão socioeconômica de trabalhadores. Essa predominância capitalista levou a Cáritas ao desafio de “criar, ao lado do processo de globalização, um projeto que respeite as diferenças e lute contra as desigualdades”.⁷⁰ Então, movidos por essa missão, a Cáritas e o Projeto Esperança Coesperança implantaram e desenvolveram um projeto que propunha ações socioeconômicas alternativas, em relação à exclusão social, investindo em “atividades de efetiva solidariedade libertadora, baseadas na construção de sujeitos coletivos e capazes de serem autores de sua história desde a sua comunidade” (SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 14).

Esse fazer alternativo configurou-se em um conjunto de práticas solidárias e emancipatórias patrocinado por um programa de Fundos de Incentivos da CNBB denominado PACs (Projetos Alternativos Comunitários), destinado a apoiar e a acompanhar projetos sócio-organizativos e projetos socioeconômicos (cf. SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 15). A visibilidade dessa experiência coletiva se deu na realização da 1ª Feira do Cooperativismo, no ano de 1994. Como podemos observar, E1 ocupa uma centralidade junto com a denominação de Feira do Cooperativismo nos cartazes das 1ª, 2ª e 3ª edições respectivas. Conforme Orlandi (2007), “na instância da história nos põe em contato com o ‘**como funciona**’⁷¹ da ideologia: o que está presente por uma ausência necessária” (p. 82). Neste caso, em E1, percebe-se que a referência a ‘Projetos Comunitário’ está relacionada à sigla PACs.

⁷⁰ Artigo: *Promoção de alternativas para uma Economia Solidária*, p. 22, elaborado pela Equipe da Cáritas Brasileira Regional – RS, no suplemento já referido.

⁷¹ Grifo nosso.

Dessa forma, a palavra referente à letra A na sigla PACs está ausente em E1, o que não apaga o caráter alternativo que a Feira tem como propósito desenvolver como modo de organização coletiva dos produtores e, assim, diferenciar-se do modelo capitalista. Observamos ainda que, em E1, a linguagem coloquial, sem concordância gramatical, reproduzindo **um falar comum** ao meio de circulação do discurso que objetiva enaltecer o associativismo e conclama a um fazer comunitário que assegure ‘mais qualidade de vida’⁷². Nos cartazes das edições de 1994, 1995 e 1996 (I3, I4 e I5), E1: ‘projetos comunitário: Mais qualidade de vida’ aparece entre o nome ‘Feira do Cooperativismo’ e uma figura de um aperto de mãos sobreposta a um horizonte com sol nascente, instilando o comprometimento pela união, pela solidariedade, aos propósitos que se inauguraram com a Feicoop, cf. abordamos no capítulo 2.

Da mesma forma, o adjetivo popular, assim como alternativo, nos permite estabelecer uma diferenciação em relação a uma forma de cooperativismo empresarial, por exemplo, uma vez que, nesse caso, alternativo e popular dizem respeito à coletivização de trabalhadores oriundos de ambientes de exclusão social que convertem suas forças produtivas em favor de uma produção solidária.

Nesse sentido, cabe destacar artigo da Cáritas (RS) sobre economia solidária⁷³, no qual é apresentada uma compreensão dessa forma de economia que não propõe, necessariamente, uma ruptura com o capitalismo, mas conclama a um modelo econômico alternativo que funcione ao lado (no interior mesmo) da globalização, sem que seja necessário romper com o modelo dominante, mas que permita a subsistência familiar, que “dê lugar a uma nova visão onde todas as dimensões da vida pessoal, familiar, comunitária e social devem estar integradas”(CÁRITAS, p. 16).

Em relação ao que vimos destacando, vale sublinhar que, para Orlandi (2007, p. 31), ideologia “é interpretação de sentido em certa direção, direção determinada pela relação da linguagem com a história em seus mecanismos imaginários”. Nesse sentido, podemos observar que o adjetivo popular em cooperativismo também constitui um deslizamento de sentido, um efeito

⁷² Referência a E1: Projetos Comunitário: Mais qualidade de vida.

⁷³ Artigo “Promoção de alternativas para uma Economia Popular Solidária” assinado pela Cáritas Brasileira Regional – RS e anexado ao livro **A pobreza, riqueza dos povos**.

metafórico, que mantém algo remanescente do cooperativismo alternativo. Podemos pensar, por exemplo, no **provérbio em circulação** na Feicoop: “Muita gente pequena, em muitos lugares pequenos, fazendo coisas pequenas, mudarão a face da terra”; o popular aqui é destacado então como o meio de organização solidária em que os ‘pequenos’ são protagonistas de um processo de produção alternativa que inverte a prioridade do lucro pela satisfação de necessidades básicas, sociais e econômicas.

Para compreendermos os deslizamentos de sentido, ilustrados no quadro 2, podemos dizer que Cooperativismo (A) está para associativismo (B), bem como para alternativo (C) e também para popular (D) que são acréscimos que fazem deslizar o sentido de forma a diferenciá-lo de outras organizações socioeconômicas cooperativistas com atuação semelhantes às empresas de mercado. Acreditamos que essa diferenciação pode ser compreendida fundamentalmente pelo modo de organização no qual os integrantes provindos de uma condição de exclusão se associam a uma forma de gestão democrática e participativa que, no caso deste estudo, se oferece como alternativo ao modo capitalista.

Passemos a observar mais atentamente a palavra solidariedade.

Deslizes e deslocamentos de sentido – SOLIDARIEDADE⁷⁴

1997 a 1998	Solidariedade A		
1999	Solidariedade A	Economia Popular Solidária B C D	
2000	Solidariedade A	Socioeconomia solidária (de Santa Maria) E B D	
2001 a 2003	-----	Economia Popular Solidária B C D	
2004	-----	E P S (Economia Popular Solidária) B C D	
2005 a 2008	-----	Economia Solidária (do Mercosul) B D	Outra economia F B
Quadro 3 - Solidariedade			

⁷⁴ Remetemos este quadro ao abordado no item 1.4.2 Paráfrase, polissemia e metáfora, mais especificamente, à ilustração 1 – efeito metafórico.

O quadro 3 visa a dar uma mostra de como se pode compreender a historicidade para solidariedade na Feicoop. De acordo com Orlandi, a historicidade é:

representada pelos **deslizes** produzidos nas relações de **paráfrase** que instalam o dizer na articulação de diferentes formações discursivas, submetendo-os à **metáfora** (transferências), aos **deslocamentos**: possíveis “outros” (ORLANDI, 2003, p. 79).⁷⁵

Com base na formulação da autora, que se sustenta na noção de efeito metafórico formulada por Pêcheux (1997), ou seja, fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, conforme abordamos no capítulo 1, e no conceito de ‘deriva de sentido’ (PÊCHEUX, 2008, p. 53, conforme também o cap. 1), acreditamos ser possível dizer que **a paráfrase está para o deslize e a metáfora para o deslocamento**. O que com isso queremos dizer é que há uma nuance entre deslize e deslocamento, embora tanto um quanto outro depende das relações de paráfrase, um deslize, por exemplo, pode configurar efeitos de sentido da ordem da repetição do mesmo com alguma modificação que não acarreta mudança de posição sujeito ou mesmo de FD, por exemplo, mantém-se uma certa regularidade, porém ela é, em alguma medida, quebrada, quando há de fato um deslocamento de sentidos, quando o sentido parafraseado é metaforizado, quando ele é interpretado e dá indícios de outras relações de sentido, ‘outros’ significados.

Além disso, é interessante observar que Pêcheux (1997), em relação ao efeito metafórico e as relações de paráfrase, atenta para o risco de uma eventual ‘criação infinita’ que levaria a dizer que toda e qualquer paráfrase seria possível por contiguidade, paralelismo, domínios semânticos, contudo, o excesso dessas relações é regulado por uma dominância ditada pelas CP dos discursos, de modo que essas relações e sua produtividade não é infinita, nem podem ser quaisquer, uma vez que estão reguladas historicamente, assim o fenômeno de deriva desencadeado pelo efeito metafórico está baseado “na determinação do processo discursivo pelas suas condições de produção (CP) e na recusa da noção ideológica da criação infinita (PÊCHEUX, 1997, p. 104).

⁷⁵ Grifo no texto, negritos nossos.

Assim, podemos dizer que, no quadro 3 solidariedade, **as relações entre A, B, C, D, E produzem deslizes** de sentido para solidariedade, enquanto que **F constitui um ‘outro’ sentido, um deslocamento** de fato, na medida em que as relações de sentido que se estabelecem apontam para outras discursividades, o popular vai se articular aos discursos vinculados ao FSM, por exemplo, como dão a dimensão, as imagens seguintes:



Ilustração 15 - Entrada da 15ª Feicoop, 2008 – il. 15
Fonte: Acervo Pessoal.



Ilustração 16 - 15ª Feicoop, 2008 – il. 16
Fonte: Acervo Pessoal.

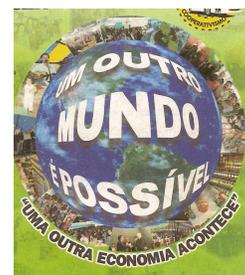


Ilustração 17 - Detalhe do cartaz da 14ª ed. da Feicoop, 2007 – il. 17

Entendemos, assim que, pelo jogo da paráfrase que constitui efeitos metafóricos (deslizes e/ou deslocamentos de sentido), que a palavra

solidariedade vem a significar uma prática social que vai resultar na aceção de uma outra economia (quadro 3 - Solidariedade) – esse seria propriamente o deslocamento em que solidariedade, por sucessivos efeitos metafóricos (deslizes de sentido) faz acontecer uma outra economia: Outra economia (a EPS). Além disso, acreditamos ser possível dizer que há um deslocamento significativo nos sentidos de solidariedade ao longo de 15 anos. A questão que fica é se essa solidariedade muda para ser ‘diferente’ ou muda para continuar a ‘mesma’, o que procuraremos responder na conclusão deste trabalho.

3.4 Um discurso sobre solidariedade

Ao considerarmos, inicialmente, os enunciados dos cartazes em ordem cronológica, podemos dizer que eles vão constituindo pela deriva de sentidos um lugar para o discurso sobre a solidariedade na Feicoop. Como sabemos, o funcionamento da ideologia, se dá pelo excesso, saturação e não pela falta (cf. Orlandi, 2007, p. 66). Por outro lado, as repetibilidades vão se deslocando, segundo o jogo linguístico que projeta os sentidos, os sujeitos, a um ‘outro lugar’, ‘um projeto’ a ser alcançado.

Na esteira de Orlandi (1990), consideramos que o *discurso sobre solidariedade*, na relação com os saberes do *discurso de*, é organizado sob a forma de repetições e reformulações, doutrinamentos, veiculados, muitas vezes, por um porta-voz, voz de autoridade que produz um efeito de homogeneidade sobreposto às manifestações heterogêneas e dispersas.

O *discurso sobre* é uma das formas decisivas de institucionalização dos sentidos, uma vez que engendra uma espécie de mecanismo controlador dos dizeres [do discurso de] que constituem uma memória dispersa e muitas vezes dissonante de um sentido que se quer dominante.

Em relação aos saberes que constituem o *discurso da* solidariedade que circula na Feicoop, no que concerne às bases que fundam esse discurso (essa prática), conforme abordamos no capítulo 2 deste texto, podemos dizer que este se trata de um discurso que inicialmente pode ser vinculado àquele *de* pequenos produtores rurais e urbanos, entre os quais conta-se o colono, (este que, entre

outros, é um dos personagens centrais na fundação da Cooperativa Esperança e que desde então faz funcionar semanalmente um local de comercialização desses produtos denominado Feirão Colonial). Também podem ser inseridos na formulação do discurso 'de', no espaço discursivo da Feicoop: produtores na agricultura familiar (urbanos e rurais), artesãos e recicladores (cf. círculo inferior direito, em il. 18, abaixo). Entretanto, esse mesmo espaço discursivo se constitui na relação com outras instâncias apoiadoras e/ou organizadoras das ações e dos discursos (EMATER, Banco do Povo, PRONAF, Prefeitura Municipal de Santa Maria, CÁRITAS, UFSM, etc.). É importante salientar que a organização desse *discurso sobre* solidariedade se dá na complexificação e instalação de diferentes demandas, aquelas do sujeito urbano que vai se inserindo nessa prática/discurso (em relação aos saberes/demandas inicialmente vinculadas ao pequeno produtor rural).

A ilustração 18 é representativa da organização do Projeto Esperança/Coesperança e a nomeamos de diagrama do discurso de/sobre solidariedade a ser explorado sob a perspectiva das posições sujeito que constituem o discurso sobre (e de) a solidariedade na Feicoop.

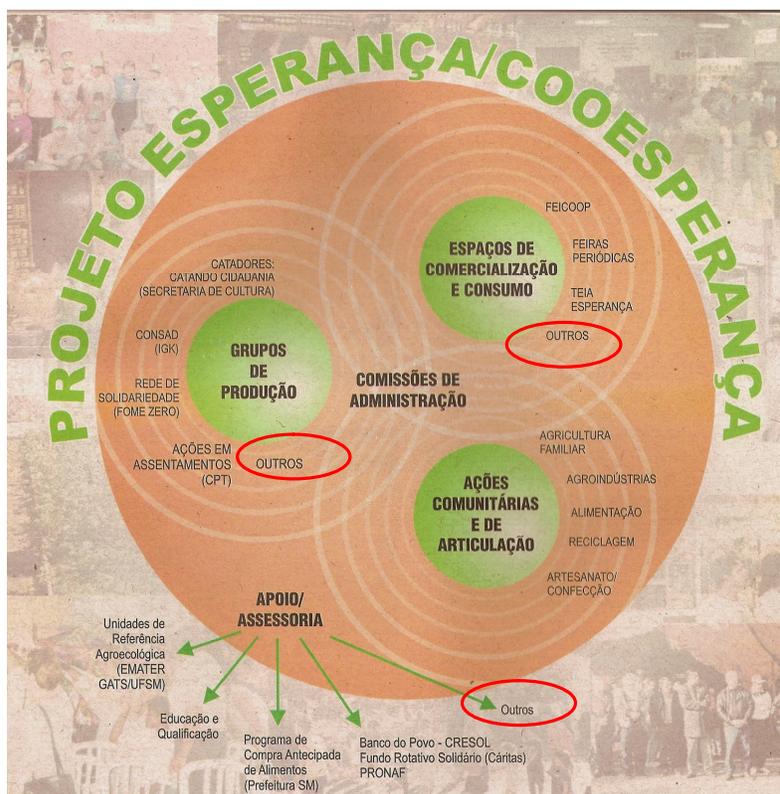


Ilustração 18 - Instâncias da organização do Projeto Esperança/Cooesperança
 Fonte: SARRIA ICAZA; FREITAS, 2006, p. 70 – il. 18

A il. 18 traz uma representação gráfica de um grande círculo nomeado como Projeto Esperança/Cooesperança, no interior do qual há três círculos que se expandem também por meio de círculos que se sobrepõem (entrecruzam). Os três círculos são nomeados respectivamente como Grupos de Produção; Espaços de Comercialização e Consumo e Ações Comunitárias e de Articulação. Nos lugares intermediários, entre os três círculos, situamos o espaço de circulação/constituição/formulação do discurso da solidariedade na Feicoop, uma vez que a representação nos oferece uma dimensão possível dos movimentos e da heterogeneidade constitutiva do *discurso de* na relação com o discurso 'sobre', marcando o imbricamento entre ambos.

Os sentidos para solidariedade (no imbricamento entre *discurso de* e *sobre*) se constituem, contraditoriamente, talvez, como ressonância de demandas, de urgências que são da ordem/contraordem do cenário de mundialização. O social (dispersão, divisão) é sobredeterminado pelo solidário, e este pelo que seja

produtivo, cidadão, associativo (E2, E3). E, nesse modo de significar, o real de um saber prático, oriundo da experiência do trabalhador rural, do colono, é substituído por categorias, elementos, discursos do urbano em torno da organização política, administrativa, jurídica e comercial (no caso, do processo de comercialização direta aos consumidores). Podemos então dizer: o discurso 'sobre' organiza o sentido e acarreta um efeito de homogeneização.

Contudo, no discurso 'sobre', o *discurso de* deixa seus vestígios, como percurso de sentido, como imaginário discursivo de unidade dos sujeitos que o fazem funcionar, que o praticam. Destacamos a seguir, um diagrama que permite compreendermos os vestígios dos sujeitos que fazem funcionar o *discurso de*, nos meandros do discurso 'sobre'.

O discurso 'sobre' é organizador das várias formas de manifestação do *discurso de*: na ilustração 18, podemos observar que a nomeação 'Comissões de Administração' está situada em uma centralidade que permite compreendermos que estas funcionam como mediadoras - lugar(es) de onde se exerceria a voz autorizada, de harmonização das diferenças.

Da mesma forma, entendemos que a nomeação das instituições/entidades que integram a referência à 'Apoio/Assessoria' sinaliza um movimento de fora para dentro do círculo dominante, ou seja, o discurso sobre a solidariedade, aquele que institucionaliza sentidos, organiza e disciplina uma memória social, nesse caso, também se faz mediante o apoio do Estado, por meio de alianças econômico-sociais que se distinguem por seu caráter ético/solidário, funcionando dentro de um sistema que é o do capital, mas postulando uma ordem humana de produção e circulação de valores.

Como observamos, há diferentes instâncias de constituição/formulação/circulação (e organização) do discurso sobre (e de) solidariedade na Feicoop e vale destacar que os 'outros' também estão presentes.

CONCLUSÃO

O presente trabalho nos possibilitou a experimentação, via análise, de que há o mesmo no diferente, há um imbricamento entre eles, ditado pelos processos históricos do dizer, os quais foram trazidos à tona por meio da produtividade analítica da noção de **efeito metafórico** que proporcionou a desconstrução de efeitos de evidência.

Analisamos a discursivização da palavra solidariedade que constitui um discurso que conclama a um fazer ético, via práticas produtivas e subjetivas de forma a instaurar uma 'outra' economia - contrária a que circula sob a égide dos mercados globais, sendo reproduzida pela ideologia do capitalismo neoliberal.

Se dentre os efeitos econômicos da globalização neoliberal recente constam a fragilização dos contratos de trabalho pela informalização das atividades laborais (trabalhadores sem proteção social) e desemprego em massa, observamos que, na proporção inversa, o aprofundamento dessa crise fomentou formas de resistência que configuram novas forças alternativas de trabalho e geração de renda.

Como desdobramento, no âmbito local, a Feicoop faz circular pela palavra solidariedade um discurso que acentua o sentido de outra/outro como oposto, mas não necessariamente excludentes um do outro, em relação à economia da ordem do capital. Esse discurso propugna o desenvolvimento de 'novas' relações de produção nas quais as forças produtivas são trabalhadores oriundos de uma condição de exclusão social (desemprego, mão-de-obra sem qualificação profissional, etc.) de modo a promover um processo sustentável de economia alternativa (formada por empreendimentos familiares, individuais,

autogestionários, associativos). O cerne da questão é o quanto o proceder discursivizado nessa solidariedade seja 'novo/diferente'.

Compreendemos, por conseguinte, que o discurso **sobre a solidariedade** na Feicoop, guarda relação com o 'discurso de', sem apagá-lo e preconiza a construção de uma sociedade socialmente justa, economicamente viável, ambientalmente sadia, organizadamente solidária e cooperativada, politicamente democrática, por meio de 'outro' modelo de desenvolvimento. Nesse sentido, os enunciados 'Uma outra economia acontece' e um 'Outro mundo é possível' referenciam uma oposição e não uma destituição ou substituição do capitalismo e instauram uma prática que torna possível o 'outro', mediante uma economia popular solidária.

Essas relações de sentido, à luz da AD, nos permitiram considerar que o dizer é polissêmico, pois não encontra um 'sentido próprio' do qual 'desvia', observa-se que, resguardadas sempre as CP de um discurso, ele se determina historicamente, de forma que não pode ser 'qualquer um'. Nesse caso, a economia determinante na Feicoop é 'outra' (não a dominante) e é 'solidária' (e não capitalista). As determinações recobrem essa discursividade e, em nossa compreensão, dão força a esse discurso. Elas formulam as oposições, em um cenário hodierno de fluidez e competição, marca-se a 'diferença' necessária. O sentido não é qualquer um, e num processo (discursivo ou econômico) de circulação em massa, 'diferente' e 'mesmo', diametralmente opostos, se revezam em um jogo (político e linguístico).

Para nós, o discurso sobre solidariedade efetua-se na dimensão de linguagem proposta por Orlandi (2006, 2003), na medida em que, por meio das relações de paráfrase e, considerada a polissemia constitutiva do processo de produção de linguagem, realiza-se a metáfora do outro mundo/outra economia, lugar da expressão de luta e de discursos que se afirmam como diferentes. Uma diferença que pode ser compreendida na medida em que ela é comparada em relação a respectiva historicidade do sujeito que afirma essa diferença, o jogo da história e da memória, o agora em relação ao passado.

O que nos conduz à conclusão de que a 'outra economia' se constitui via um efeito metafórico que faz deslocar o discurso sobre solidariedade do âmbito social para o econômico e, pela linguagem, põe em funcionamento uma prática discursiva traduzida no discurso econômico-social. A aparente oposição à globalização enfeixa face do movimento capitalista na qual é caracterizada pelo grande capital e moldado por valores do livre funcionamento dos mercados que provocam uma seletividade intensa que dispensa trabalhadores e elimina gradativamente vagas de mão-de-obra.

Conclusivamente poderíamos pensar solidariedade por meio de duas acepções diametralmente opostas: **solidariedade filantrópica** e **solidariedade democrática societária** (cf. Laville, 2009). A primeira pode ser entendida como aquela em que os cidadãos se investem de um altruísmo voluntário, tem por objetivo o alívio dos que se encontram em uma faixa econômica de miserabilidade e faz funcionar uma moralização por meio do emprego de ações paliativas; já a segunda acepção é caracterizada por um princípio da democratização, ou seja, ações coletivas expressas na ajuda mútua, na reivindicação de direitos, na auto-organização e nas intervenções dos movimentos sociais (como se observa na mobilização de ONGs, sindicatos e representações).

Assim, diante dessas acepções, podemos compreender que não é possível determinar na Feicoop o funcionamento exclusivo desta ou daquela forma de solidariedade, já que nela se verificam ações tanto da solidariedade filantrópica quanto de uma possível solidariedade democrática (emancipatória). Por um lado, um altruísmo voluntário pode ser observado como uma contingência do capitalismo neoliberal para compensar efeitos de desagregação social, no qual resta a assistência por meio de programas sociais governamentais; por outro, é a própria organização coletiva pautada na democratização que mostra-se direcionada para fins econômico-sociais pela discursivização da 'pobreza'.

Em nosso estudo buscamos ver como o discurso sobre a solidariedade se propõe a uma forma de mobilizar iniciativas e ações que visem a gerar 'riqueza' – em meio à discursivização da 'pobreza' – a partir do lugar/espço/discurso de comercialização da produção tida como alternativa.

Entendemos que é na concepção de uma solidariedade democrática que se estabelece a prática de uma economia intermediária, com vistas a alcançar

objetivos de justiça social e de sustentabilidade. Nesse caso, se inserem questões sócio-ambientais que tanto se inscrevem no repertório discursivo da economia solidária quanto na atividade econômica capitalista.

O discurso sobre a solidariedade deriva sentido para uma outra economia que, como vimos, conclama um fazer alternativo e diferente, e movimenta uma prática ética de sustentabilidade (de preservação ao ambiente). No entanto, em seu funcionamento, compartilha valores que não são estranhos à economia capitalista, seja na forma de comercialização (ainda que 'direta' aos consumidores, visa remunerar a produção pelo ato de compra/venda), seja na discursivização modernamente adotada pelas grandes empresas, consoante à prática de produzir em respeito à natureza. Há o mesmo no diferente, um lugar em que o sujeito instala um agir (solidário) e um discurso (sobre a solidariedade) que assegura sua inscrição no processo produtivo.